Jair Alves



MANUAL do Pregador Ético



PCA
Publicações Cristãs Alves

PCA - Edições

Todos os direitos reservados por:
PCA- Publicações **C**ristãs **A**lves

Distribuição grátis. Autorizado para DOWNLOAD.

Formato: e-Book PDF
Produção: PCA Edições
Editor: J. Alves
Autor: Jair Alves
Edição: 1ª
Ano: 2018
Divulgação: www.tesourobiblico.com.br
Apoio: Ministério Evangelístico Jair Alves

Contato com PCA Edições

✓ **E-mail**: contatos-pca@hotmail.com
✓ **Blog**: pcaedicoes.blogspot.com

Sumário

Apresentação....3
A Homilética no Auxílio do Pregador....4
Eloquência e retórica....12
A Importância da Pregação....16
O Pregador e os Diferentes Tipos de Sermões....18
A Hermenêutica no Auxílio do Pregador....29
O pregador e o Decoro no púlpito....34
Obreiros éticos....38
A ética no culto a Deus no templo....45
Cargos Ministeriais....51
O Pregador e a Comunicação Eficiente....68
O Pregador e o Estudo da Bíblia....74
O Pregador e a Visão Geral da Bíblia....77
Fatores que comprometem a pregação cristã....84
Dicas para Uma Pregação Eficaz....91
Sábios Conselhos para os Jovens Pregadores....94
O Pregador e a Bênção Apostólica....96
Conclusão....99
Bibliografia....100

Apresentação

Este sucinto manual auxilia a todos que desejam pregar o evangelho de Jesus Cristo de forma inteligível e organizada.

Utilizamos das técnicas da hermenêutica e Homilética, além dos auxílios de outras matérias da teologia sistemática, para ajudar nossos leitores a pregarem a Palavra de Deus como clareza, firmeza e organização.

É importante entendermos que o pregador e a pregadora do santo evangelho, além de dominar o assunto que pretende pregar, precisa também aprender a expor o tal assunto com clareza e organização.

Esta é uma ferramenta que vai ajudar os pregadores, pregadoras e os demais obreiros da seara de Jesus a expor assuntos bíblicos com clareza e organização.

A Homilética no Auxílio do Pregador

I. DEFININDO A HOMILÉTICA

1. Definições

O Dicionário Teológico - CPAD define Homilética como arte de elaborar e apresentar sermões; é a disciplina que nos leva a falar com elegância, desenvoltura e propriedade bíblica e evangélica.

Os teólogos Grenz, Guretzki e Nordling também resumem: "disciplina que busca compreender o propósito e o processo da preparação e apresentação de sermões". Acrescentam que a mesma visa entender e integrar os papéis do pregador, da mensagem e do público.

O termo "homilética" deriva do substantivo grego homilia, que significa literalmente "associação", "companhia", e do verbo homileo, que significa "falar", "conversar". O Novo Testamento emprega o substantivo em 1 Coríntios 15.33.

A Homilética veio a ser definitivamente entendida como "a arte de pregar o evangelho".

Na prática a HOMILÉTICA é utilizada para produzir discursos para o enlevo ou divulgação da fé.

"A homilética é ciência, quando considerada sob o ponto de vista de seus fundamentos teóricos (históricos,

psicológicos e sociais); é arte, quando considerada em seus aspectos estéticos (a beleza do conteúdo e da forma); e é técnica, quando considerada pelo modo específico de sua execução ou ensino."

O termo "homilética" tem suas raízes etimológicas em três palavras da cultura grega:

1. Homilos, que significa "multidão", "turma", "assembleia do povo" (cf. At 18.17);

2. Homilia, que significa "associação", "companhia" (cf. 1 Co 15.33); e

3. Homileo, que significa "falar", "conversar" (cf. Lc 24.14s.; At 20.11,24. 26).

2. As divisões da homilética

A fim de termos uma compreensão abrangente da homilética podemos dividi-la nas seguintes partes:

a) homilética fundamental

A homilética fundamental trata das questões introdutórias da matéria, visando uma compreensão objetiva de seus aspectos, tais como: origem, significado, tarefa, desenvolvimento histórico, problemas, características, conteúdo, importância e alvo da prédica evangélica.

b) homilética material

A homilética material refere-se ao material básico para se fazer homilética. O aluno aprende a lidar com as versões em português da Bíblia, chaves bíblicas, concordâncias, dicionários, léxicos, comentários, harmonias e panoramas bíblicos.

c) homilética formal

A homilética formal estuda a estrutura do sermão, as três formas principais de sermões, as maneiras de apresentar o sermão, as formas alternativas de pregação e a avaliação do sermão.

3. O conteúdo da homilética

Com a Palavra de Deus, é nos dado o conteúdo da pregação. Pregamos esta Palavra, e não meras palavras humanas. Na comunicação da Palavra de Deus, lembramo-nos de que nossa pregação deve consistir nessa mesma Palavra: "Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus..." (1 Pe 4.11).

Este falar não é o nosso falar, sendo antes um dom de Deus, um charisma. No poder de Deus, nosso falar torna-se o falar de Deus: "... tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homem, e, sim, como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes" (1 Ts 2.13; cf. 1 Co 2.4s.; 2 Co 5.20; Ef 1.13).

Concluímos, pois, que o conteúdo da homilética evangélica é a Palavra de Deus. Com ela, é-nos confiado um "tesouro em vasos de barro" (2 Co 4.7). É a responsabilidade dos "ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus" (1 Co 4.1), que anunciam "todo o desígnio de Deus" (At 20.27).

II. A HOMILÉTICA E SUA IMPORTANCIA

1. A origem da homilética

A homilética propriamente dita nasceu muito cedo na história humana, embora não como termo designativo homiletikos (arte de pregar sermão) e homilia (arte de falar elegantemente na oratória eclesiástica), mas como oratória pictográfica (sistema primitivo de escrita no qual as ideias são expressas por meio de desenhos das coisas ou figuras simbólicas).

Ela surgiu na Mesopotâmia há mais de 3000 anos a.C., para auxiliar a necessidade que os sacerdotes tinham de prestar contas dos recebimentos e gastos às corporações a que pertenciam e faziam suas prédicas em defesa da existência miraculosa dos deuses do paganismo.

O sistema sumeriano viria a ser o protótipo (primeiro tipo ou exemplo) de outros importantes sistemas de escrita, como o egípcio, por exemplo.

As primeiras teorias homiléticas encontram-se nos escritos de Crisóstomo (345-407 A. D.), o mais famoso pregador da igreja primitiva. A primeira homilética foi

escrita por Agostinho, em De Doctrina Christiana. Agostinho dividiu-a em de inveniende (como chegar ao assunto) e de proferendo (como explicar o assunto). Na prática, esta divisão sistemática corresponde hoje às homiléticas material e formal.

a) Como termo designativo

Entretanto, homilética como termo designativo com suas técnicas, sistematização e adaptação às habilidades humanas, nasceu entre os gregos com o nome de retórica. Depois foi adaptada no mundo romano com o nome de oratória, e, finalmente, para o mundo religioso com o nome de homilética.

- A retórica e a oratória tomaram-se sinônimos para identificar o discurso persuasivo (profano).

- A homilética, entretanto, passou a identificar o discurso sacro (religioso).

b) A partir dó IV Século d.C.

A partir desta época os pregadores cristãos começaram a estruturar suas mensagens, seguindo as técnicas da retórica grega e da oratória romana. Com efeito, porém, desde o primeiro século da Era Cristã, esta influência estrutural da homilética já começava a ser sentida no seio do Cristianismo. Não é de se surpreender, portanto, que a maioria dos teólogos cristãos primitivos compunha-se dos que aceitavam as teorias gregas e romanas, pois muitos deles eram filósofos neoplatônicos convertidos ao

Cristianismo ou estavam sob a influência dessas ideias (conforme foi o caso de Justino Mártir, de Clemente de Alexandria, de Orígenes, de Agostinho, de Ambrósio e muitos outros).

2. O objetivo da homilética

Persuadir o ouvinte a concordar com o orador ou pregador.

A Homilética orienta os pregadores na dissertação de suas prédicas e, ao mesmo tempo, fazer que os mesmos adquiram princípios gerais corretos e despertá-los a terem ideia dos erros e falhas que os mesmos em geral cometem.

A Homilética, contrariando o que muitos pensam não se restringe apenas à comunicação verbal. O homem (ou mulher) de Deus é um instrumento que o Senhor usa para transmitir Sua vontade, por isso temos que aprender a nos comunicar muito bem com o povo, para que seja garantida a recepção dessa mensagem, isto é, que todos venham entender a mensagem claramente.

3. A importância da homilética

A missão principal da homilética é conservar o pregador (pregador aqui tem sentido abrangente - inclui pessoas de ambos os sexos) na rota traçada pelo Espírito Santo. Ela ensina, onde (e como) se deve começar e terminar o sermão.

A homilética é importante devido a seu conteúdo (a proclamação do evangelho como característica fundamental do cristianismo autêntico), seu lugar central na preparação do ministro evangélico e seu objeto (o bem-estar do homem, criado por Deus).

4. homilética e a eloquência

O sermão tem por finalidade convencer os ouvintes, seja no campo político, forense, social ou religioso. Por esta razão a homilética encontra-se ligada diretamente à eloquência.

A eloquência é a capacidade intelectual de convencer pelas palavras. As palavras esclarecem, orientam e movem as pessoas. O orador que consegue mover as pessoas, persuadindo-as a aceitar suas ideias, é eloquente, pois a eloquência é a capacidade de persuadir pela palavra. Fala-se de Apolo, um judeu, natural de Alexandria, que era "... eloquente e poderoso nas Escrituras" (At 18.24b).

a) Algumas regras de eloquência

- Procurar ler o mais que puder sobre o assunto a ser exposto.
- Conhecimento do publico ouvinte.
- Procurar saber o tipo de reunião e o nível dos ouvintes.
- Seriedade, pois o orador não é um animador de plateia.
- Ser objetivo, claro para não causar nos ouvintes o desinteresse.
- Utilizar uma linguagem bíblica.

- Evitar usar o pronome EU e sim o pronome NÓS.

As disciplinas que mais se aproximam da homilética são a hermenêutica e a exegese. Enquanto a hermenêutica é a ciência, arte e técnica de interpretar corretamente a Palavra de Deus, e a exegese a ciência, arte e técnica de expor as ideias bíblicas, a homilética é a ciência, arte e técnica de comunicar o evangelho.

A hermenêutica interpreta um texto bíblico à luz de seu contexto; a exegese expõe um texto bíblico à luz da teologia bíblica; e a homilética comunica um texto bíblico à luz da pregação bíblica.

Eloquência e retórica

Ligadas à oratória, aparecem dois outros termos muito relacionados entre si, mas distintos quanto ao significado: eloquência e retórica.

1. ELOQUÊNCIA

Eloquência é um termo derivado do latim eloquentia, que significa: "elegância no falar", "falar bem", "garantir o sucesso de sua comunicação", "capacidade de convencer".

É a soma das qualidades do pregador. Na verdade, estamos diante de uma palavra que perdeu o seu sentido original. Muitos falam dela de modo pejorativo. Há, porém, boas razões para vê-la dentro de um contexto mais amplo, em que se privilegiam o convencimento e a persuasão daqueles que falam em público. Isso porque, todo orador, quando fala, quer ser ouvido.

Caso contrário, para que falar em público?

Mas, como será ouvido se não consegui prender a atenção de quem o escuta?

Esse deve ser o grande exercício do orador: ser agradável aos ouvidos e, também, aos olhos do público. Para tal finalidade, precisa de persuasão e eloquência. A eloquência não é falar fácil e corretamente, impressionar os sentidos alheios, antes, é expressar o pensamento próprio, com graça, equilíbrio, harmonia e muita perspicácia de tempo e lugar.

A eloquência pode ser desenvolvida na teoria e na prática da oratória. E a faculdade adquirida ou aptidão natural do homem para persuadir, aperfeiçoada ou não pela arte. Independente de técnicas há pessoas que, mesmo incultas, possuem o poder da persuasão.

De algum modo, todo ser humano, em maior ou menor grau, é capaz de promover no ânimo de outras pessoas os afetos, as emoções. E o falar não é o único modo de exprimir eloquência. Certas atitudes de postura física do pregador, como, por exemplo, o olhar, os gestos, a mímica facial, as lágrimas, os suspiros e, até mesmo, o silêncio são procedimentos poderosos de persuasão.

Antigamente, o sucesso do discurso dependia de tantas regras que cansava os ouvintes. Nos dias atuais, a eloquência se reveste de regras mais simples.

2. ALGUMAS REGRAS DE ELOQUÊNCIA

• Procurar ler, o mais que puder, sobre o assunto a ser exposto.
• Ter conhecimento do público ouvinte.
• Procurar saber o tipo de reunião e o nível dos ouvintes.
• Seriedade, pois o orador não é um animador de pia-teia.
• Ser objetivo, claro, para não causar desinteresse nos ou- vintes.
• Utilizar uma linguagem bíblica.

3. RETÓRICA

Do grego *réthor.* "orador".
E a arte de falar e escrever bem, tendo como alvo a persuasão dos ouvintes e leitores. Relaciona-se com a oratória, com a lógica e com a eloquência. E o estudo teórico e prático das regras que desenvolvem e aperfeiçoam o talento natural da palavra, baseando-se na observação e no raciocínio.

4. PREGANDO COM CLAREZA

A fim de pregarmos de forma eficiente, precisamos adotar um estilo claro e simples que é facilmente entendido por aqueles que ouvem. Precisamos reconhecer que o apóstolo Paulo declarou que ser claro é uma obrigação (Cl 4.4) e até mesmo pediu que seus leitores orassem para que Deus o ajudasse a cumprir sua obrigação.

Não apenas nós mesmos oraremos pela nossa pregação, mas é necessário fazer com que nossa congregação se interesse por fazer isso também.

Em nossos esforços para manter completa clareza, precisamos adotar uma linguagem não técnica (a não ser que a expliquemos). Precisamos evitar terminologias "tediosas", termos obsoletos e estilo antiquado. Precisamos proclamar a mensagem de Deus sem

entonações estranhas, cacoetes ou qualquer outra coisa que chame a atenção para si mais do que para a verdade.

A verdade de Deus não deve ser misturada desordenadamente na proclamação.

Ela deve fluir inexoravelmente do começo ao fim de maneira racional e lógica. Isso significa que um pregador diligente toma tempo para pensar não apenas a respeito do conteúdo, mas também sobre a forma em que ele é apresentado.

Pregadores que realmente se importam trabalham para tornar a verdade de Deus tão simples e fácil de entender quanto possível (sem perda de significado), para que o seu rebanho possa recebê-la facilmente.

A Importância da Pregação

1. Pregar é a tarefa principal da Igreja

A pregação bíblica tem ocupado lugar de destaque na igreja evangélica, uma vez que a igreja foi organizada como instituição especial, tendo a pregação como missão especial. Por esta razão é impossível o cumprimento de tão elevada missão sem o devido preparo.

2. Através da pregação Deus tem falado

Antes de Jesus, grandes pregadores são encontrados no Antigo Testamento; entre eles: Moisés, Elias, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e Amós. A era da Graça colocou a pregação em especial relevo. João, o Batista, preparou o caminho para o advento do Mestre, através da pregação: "Apareceu João no deserto, pregando..." (Mc 1.4).

3. A pregação foi a principal atividade de Jesus

Ele começou pregando a boa nova da chegada do Reino de Deus (Mc 1.14,15). Ele fez da proclamação da Palavra o centro da sua missão: Ele pregou durante toda a vida, pregou até na cruz, e depois de ressurreto, continuou a pregar. Jesus foi o maior pregador que o mundo já conheceu (Jo 7.46). Durante todo seu ministério, Ele não apenas pregou, mas mandou que os seus discípulos pregassem.

4. A pregação comunica a Graça de Deus

Paulo teve uma visão da importância da proclamação da Palavra, ao afirmar: "Aprouve a Deus salvar o mundo pela loucura da pregação" (1 Co 1.21b). Desde os tempos bíblicos, a boa nova do amor de Deus tem se tornado conhecida pela pregação. O pregador é um arauto, um proclamador de boas novas.

5. Pregar é prioridade no ministério pastoral

Pregar não é responsabilidade apenas do pastor, é missão da igreja; entretanto a igreja espera que o pastor pregue. No ministério pastoral há múltiplas atividades a serem desenvolvidas; nenhuma delas, porém, é tão importante, exigente e intransferível quanto à pregação.
O pregador precisa conhecer, interpretar e compartilhar a Palavra de Deus.

Esta responsabilidade é tão importante que Paulo desafia: "Procura apresentar-te diante de Deus aprovado como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a Palavra da verdade" (2Tm 2.15). Quanto melhor o pregador conhece o texto básico de sua mensagem, tanto mais condições têm de explaná-lo e ilustrá-lo, aplicando suas verdades à vida dos ouvintes.

A responsabilidade que temos, como pregadores, de falar em nome do Senhor, é imensa. E para o desempenho de tão elevada missão precisamos estar bem preparados. Assim, o estudo da Homilética é importante e indispensável para equipar pregadores e futuros pregadores da Palavra, fazendo-os compreender que a autoridade da pregação não está na eloquência ou sabedoria do pregador, mas no fato da mensagem apontar para Jesus.

O Pregador e os Diferentes Tipos de Sermões

Nesta oportunidade conheceremos as principais classificações dos sermões e conheceremos a estrutura (as partes que compêm o sermão) do sermão. Serão abordadas também, as diferentes formas de se apresentar um sermão.

I. A CLASSIFICAÇÃO DOS SERMÕES

1. Definição geral

Há muitos tipos de sermões e vários meios de classificá-los. Alguns mestres de oratória classificam os sermões de acordo com o conteúdo ou assunto; outros, segundo a estrutura, e ainda outros quanto ao método usado na dissertação da mensagem.

Então, os sermões encontram-se classificados assim:

- Sermões de natureza homiliasta
- Temático ou tópico
- Textual
- Expositivo
- Sermão iríferencial
- Ilativo
- Sermão extemporâneo
- Improvisado
- Sermões especiais
- Casamentos
- Aniversários, bodas, etc.

- Acadêmico, formatura, etc.
- Funeral
- Crianças
- Palestras para outros eventos especiais.

II. AS PARTES QUE COMPÕEM O SERMÃO

1. Os elementos gerais do sermão

Os elementos gerais (ou funcionais) que compõem o sermão, conforme as divisões corretas são:

- O título
- O tema
- O texto
- A introdução
- O corpo do sermão
- divisões, subdivisões e transições
- A aplicação do sermão
- A conclusão do sermão
- Apelo

B. O TÍTULO

1. Definição

O título, como sabemos, é a primeira parte do sermão.

A função do título é chamar a atenção, interessar e atrair as pessoas. Ele dá nome ao sermão, como uma peça literária completa. Não devemos confundir o título com o tema.

O título dá nome ao conteúdo.

O tema dá nome ao assunto em discussão.

O título deve ser bem sugestivo para que possa despertar atenção ou curiosidade. Tem de ser atraente, não pelo uso de mera novidade, mas por ser de vital interesse às pessoas.
Exemplo de título + tema:
Você prepara uma mensagem baseada em João 15.1-8. O assunto é a videira verdadeira, mas o título da mensagem será mais específico, "a vida frutífera do cristão" ou "como o cristão pode ter uma vida frutífera".

2. A natureza do título
A natureza do título pode ser declarativa, interrogativa, afirmativa ou exclamativa.
Biblicamente falando, pode ser apresentado este gráfico assim:

- Declarativa

"O que Deus não pode fazer" (curiosidade) - Tito 1.2.

- Interrogativa

"Onde está Jesus?" (vontade de conhecer) - Mateus 2.2.

- Afirmativa

"Jesus foi e voltará" (a evidência e a certeza) - João 14.3.

- Exclamativa

"Para mim o viver é Cristo!" (determinação) – Filipenses 1.21.
A definição do título é um dos últimos itens a serem elaborados na mensagem.
C. O TEMA

1. A síntese do assunto

O tema é a segunda parte do sermão e vem depois do título, pela ordem correta. É a síntese do assunto em discussão. Vem de uma raiz grega "théma" que significa ponho, coloco, guardo, deposito, trazendo assim a ideia de algo que está dentro, ou no meio de alguma coisa. Dentro do sermão (em síntese) é exatamente esta aposição do tema. Sua posição técnica no sermão encontra-se entre o título e o texto.

2. O tema e sua função

A função do tema é sintetizar o assunto e personificá-lo. Por isso, tema é o nome do assunto que vamos tratar ou a síntese do conjunto deles, enquanto que o assunto (corpo do sermão propriamente dito) vai ser a argumentação (ou conteúdo do tema).

Em razão do tema gravitar bem perto do título, alguns mestres da oratória chegaram até sugerir que o tema devia vir antes do título, e não depois. É verdade que em algumas passagens ou assuntos da Bíblia, isso parece lógico; mas em outras não. Portanto, o tema deve vir depois do título e não antes.

Quando o tema é geral, pode servir de título. Em alguns casos, isso é natural. Exemplo: numa dissertação sobre a morte de Cristo, o tema geral seria A morte de Cristo, enquanto que, nesse caso, o título viria depois com a seguinte frase: Os sofrimentos de Cristo. Com efeito,

portanto, o tema viria primeiro e o título depois, sem que alterasse as regras do procedimento. Mas, no contexto prático, o título deve vir mesmo, em primeiro lugar.

D. O TEXTO

1. Definição do texto

O texto, ou a porção, refere-se à passagem bíblica em síntese ou no seu todo, usado pelo pregador para fundamentação do sermão.

2. Dependendo da natureza do sermão

Dependendo da natureza do sermão, o texto pode sofrer alterações no uso da pronúncia.

a) Sermão textual (o texto)
b) Sermão expositivo (a porção)
c) Sermão temático (a passagem)
d) Sermão ilativo (uma inferência)
e) Sermão extemporâneo (uma palavra)
f) Sermão para ocasiões especiais (uma frase)

E. A INTRODUÇÃO

A introdução é a parte inicial do corpo do sermão. É o vestíbulo, ou a plataforma de acesso ao ponto central da argumentação. O propósito da introdução é despertar a atenção do povo e desadiar-lhe o pensamento de tal modo que se interesse ativamente pelo assunto.

F. O CORPO DO SERMÃO

1. Definição

O corpo do sermão, conforme soa melhor em termos prático, entre os pregadores cristãos, é o conjunto de fatos, de ideias, de provas ou de argumentos arrolados pelo pregador.

3. As divisões do sermão

As divisões do sermão variam em número, dependendo do conteúdo e da capacidade do pregador. Aconselha se a limitação de pontos a um máximo de cinco numa série. A memória tende a falhar, quando há mais de cinco pontos num sermão. Testes psicológicos no campo da educação revelaram que, quando há mais de cinco pontos dentre os quais escolher, o discernimento fica mais ou menos nebuloso e, por conseguinte, as escolhas são menos confiáveis.

Sugere-se, portanto, para melhor compreensão do significado do pensamento, nos sermões temáticos e textuais, três divisões, e cinco para um sermão expositivo. Também as divisões não devem ser páreas e, sim, ímpares. É muito fácil para os ouvintes acompanhar uma mensagem falada, quando as ideias principais estão organizadas corretamente e proferidas com clareza, do que quando elas não têm organização ou não se relacionam.

À medida que o pregador anuncia as divisões e passa de um ponto principal a outro, os ouvintes conseguem identificar as divisões das partes entre si e discernir a progressão da mensagem.

G. A APLICAÇÃO DO SERMÃO

A aplicação do sermão deve ser de acordo com o tipo de mensagem que pregamos. Definimos a aplicação como sendo o apelo, ou melhor, posição correta, o convite oferecido aos ouvintes. Esta parte é a penúltima peça do sermão. Antecedendo assim a conclusão do discurso.

1. O objetivo da aplicação

O objetivo da aplicação no sermão visa o resultado positivo daquilo que ministramos. Por exemplo: quando pregamos a palavra da salvação aos pecadores, a aplicação deve ser o convite (o apelo).

H. A CONCLUSÃO DO SERMÃO

A conclusão, como o próprio termo sugere, no sentido técnico, é a última parte do sermão; no sentido homiliasta, é uma síntese de todas as verdades que foram ditas no sermão.

É o momento quando o pregador se obriga a fazer uma síntese de tudo o que disse, não só para destacar e fazer lembrar as verdades principais, mas para ajudar os ouvintes a se beneficiarem da mensagem. Por essa razão, ela deve ser breve.

III. FORMA DE APRESENTAÇÃO DO SERMÃO

Sempre, uma vez por outra, escutamos esta pergunta: "Qual a melhor forma de se apresentar o sermão: ler, recitá-lo ou pregá-lo de improviso?”.

No caso de grupos especiais, tais como os surdos-mudos, etc., adota-se a mímica (arte de exprimir o pensamento por meio de gestos). Entretanto, tratando-se de pessoas normais, pode-se, dependendo das circunstâncias, adotar estes métodos:

a) Ler o sermão

Esta maneira de apresentar um discurso tem grande valor e não deixa de ser válida na oratória, quando se trata dum discurso pronunciado numa assembleia, num parlamento, num fórum, em solenidades públicas ou privadas. Entretanto, tratando-se de homilia sagrada, torna-se monótono e cansativo. A leitura, por mais bem feita, não transmite empolgação e vibração nos ouvintes.

b) Recitar o sermão

Este método de se apresentar o sermão pode trazer vantagem e desvantagem para o pregador.

Vantagem, porque recitar, ou declamar sua própria composição, daria ao sermão uma apresentação tecnicamente perfeita. Nesse caso, também a memória do pregador desenvolve com domínio e coordenação. E, na verdade, a melhoria real da memória é coisa de grande valor.

Desvantagem, porque mesmo que seja bem declamado, não deixa de tornar-se um sermão um pouco robotizado.

A mensagem fica completamente mecanizada e o pregador estático. Também aqueles pensamentos e ideias preestabelecidas afastam os pensamentos e ideias que surgirem pela primeira vez. Há também o perigo da memória falhar, e assim o sermão naufragar.

c) Falar de improviso

Neste sentido, devemos ter em mente dois pontos importantes:

- **Primeiro:** falar de improviso não significa que, de todo, o pregador não seja auxiliado (ou orientado) por um pequeno (ou grande) esboço, ou anotações; e, sim, que sua mensagem veio momentaneamente direta de Deus, foi colocada no papel (em forma tópica) e, através dos olhos, retransmitida novamente para a mente onde será ampliada. De acordo com o que entendo e até onde sei, este é o melhor método de apresentação do sermão.

- **Segundo:** falar, mesmo de improviso, no mais lato sentido da palavra. Nesse caso, o pregador não se vale de nenhum auxílio externo.

2. A versatilidade de Paulo

Parece que, segundo a luz do contexto parafraseante, o apóstolo Paulo valia-se do método mais apropriado para o momento. Então ele diz:

a) Sermão lido

"A palavra está junto de ti..." (Rm 10.8a).

b) Sermão recitado

"A palavra está na tua boca..." (Rm 10.8b).

c) Sermão esboçado

"A palavra está no teu coração..." (Rm 10.8c).

d) Sermão improvisado

"Orando por mim... para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra..." (Ef 6.19).

No sermão improvisado (dizia Crisóstomo), Deus fala muito e o homem fala pouco.

À medida que o pregador anuncia as divisões e passa de um ponto principal a outro, os ouvintes conseguem identificar as divisões das partes entre si e discernir a progressão da mensagem.

Os elementos gerais (ou funcionais) que compõem o sermão, conforme a divisão correta, são:

•O título
•O tema
•O texto
•A introdução
•O corpo do sermão
-divisões, subdivisões e transições
•A aplicação do sermão
•A conclusão do sermão
•Apelo

A Hermenêutica no Auxílio do Pregador

1. DEFININDO HERMENÊUTICA

A palavra se origina do termo grego hermeneuein, que significa "explicar" ou "interpretar".
Na Bíblia, é usado em João 1.42 e 9.7, Hebreus 7.2 e Lucas 24.27.
Na versão ARC, o último texto traz o seguinte: "E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras".

Na versão ARA, encontramos: "E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras".

A palavra traduzida em uma versão por "explicar" e em outra por "expor" é [di] hermeneuein, substantivo formado por esse verbo, Hermes, é o nome dado ao deus grego considerado o porta-voz ou intérprete dos outros deuses, lemos em Atos 14.12, que após Paulo haver ministrado a cura de um paralítico em Listra, as pessoas tomaram esse fato como se os deuses tivessem ido visitá-las, identificando o apóstolo com o porta-voz do panteão helénico por ser o que falava.

A NVI traduz assim: "A Barnabé chamavam Zeus e a Paulo Hermes, porque era ele quem trazia a palavra".
O termo grego hermeios remete-nos ao deus Hermes, que, segundo a mitologia grega, foi o descobridor da linguagem e da escrita. Assim, Hermes era tido como aquele que descobriu o objeto utilizado pela compreensão humana para alcançar o significado das coisas e transmiti-lo às outras pessoas.

A palavra "hermenêutica" é um legado da língua grega (hermeneutike), emprestado à nossa língua do latim hermenêutica. E, hodiernamente, tida como uma teoria ou filosofia da interpretação — capaz de tornar compreensível o objeto de estudo mais do que sua simples aparência ou superficialidade.

Berkhof define a hermenêutica como a ciência que ensina os princípios, as leis e os métodos de interpretação; enquanto Virkler, a define tecnicamente, como a ciência e a arte da interpretação bíblica. Ela é considerada ciência porque tem normas, regras e estas podem ser classificadas num sistema ordenado.

Também é considerada como arte porque a comunicação é flexível e, portanto, uma aplicação mecânica e rígida apenas, pode distorcer o verdadeiro sentido de uma comunicação. Por isso há necessidade de aprender as regras da hermenêutica, assim como, a arte de aplicá-las.

As duas subcategorias

A Hermenêutica está dividida em duas subcategorias:

1) Hermenêutica geral

É o estudo das regras que regem a interpretação do texto bíblico inteiro.

2) Hermenêutica especial

É o estudo das regras que se aplicam a gêneros específicos como: parábolas, alegorias, tipos e profecias.

2. A RELAÇÃO DA HERMENÊUTICA COM OUTROS CAMPOS DE ESTUDO BÍBLICO.

Estudo do Cânon: Diferenciação entre os livros que trazem o selo da inspiração divina e os que não trazem.

Crítica Textual: Tenta averiguar o fraseado primitivo de um texto. Torna-se necessário, pois não temos os originais dos manuscritos, temos apenas cópias e essas variam entre si.

Crítica Histórica: Estuda a autoria de um livro, a data da composição, as circunstâncias históricas que cercam sua composição, a autenticidade do seu conteúdo e sua unidade literária.

Exegese: É a aplicação dos princípios da hermenêutica para chegar-se a um entendimento correto do texto.

Teologia Bíblica: É o estudo da revelação divina no AT, e no NT. Ela indaga como essa revelação especifica contribuiu para o conhecimento que os crentes já

possuíam naquele tempo. Tenta mostrar o conhecimento Teológico através dos tempos.

Teologia Sistemática: Organiza os dados bíblicos de uma maneira lógica, tenta reunir todas informações sobre determinados tópico. Ex.: (Deus, Jesus, Igreja).

3. A INPORTANCIA DO ESTUDO DA HERMRNÊUTICA

O estudo da hermenêutica é imprescindível ao cristão em todas as eras, pois a sua falta nos púlpitos e nos devocionais tem gerado uma infinidade de interpretações, heresias e confusão no seio da igreja.
Soa em nossos ouvidos a mesma exortação feita aos escribas pelo Senhor: "Errais por não conhecer as Escrituras..." (Mt 22.29).

Podemos ler a Bíblia, porém não conhecer a mente de Deus Expressa na Bíblia.

O estudo da Hermenêutica é fundamental para o cristão que deseja se tornar um obreiro aprovado (2Tm 2.15), pois a interpretação bíblica é essencial para a compreensão e para o ensino correto da Bíblia.

Certas pessoas "adulteram a palavra de Deus" intencionalmente. Por isso é necessário observar e entender o significado, compreender o sentido para a

época, depois entender o que a mensagem bíblica quer dizer para os dias de hoje e aplicá-la.

O estudo da hermenêutica tem o propósito de interpretar as produções literárias do passado. Sua tarefa especial é indicar o meio pelo qual possam ser removidas as diferenças entre o autor e os seus leitores, em qualquer época.

O pregador e o Decoro no púlpito

Ao ocupar o púlpito, conscientize-se o obreiro de que está num lugar santo; que dali ele vai orientar a adoração e ministrar a santa Palavra de Deus; que todos estão com a atenção voltada para ele. Por conseguinte, deve portar-se com dignidade e reverência, para que receba de Deus as bênçãos, e contribua para que outros sejam abençoados, e também seja exemplo a todos.

1. Apresentação pessoal.
O pregador deve apresentar-se bem vestido (sem exagerada preocupação com a indumentária), barbeado, cabelos feitos, sapatos limpos.
2. Ao assentar-se.
Quando assentar-se atrás do púlpito, sempre após rápida oração individual ou pessoal, seja discreto, a fim de dar exemplo a fiéis e infiéis.

3. Com relação aos companheiros.
Havendo no púlpito companheiros ou visitantes, deve o pregador evitar distraí-los, conversando ou dando atenção demasiada à conversa deles, pois além de parecer mal, tal procedimento prejudica grandemente os trabalhos e tira a autoridade do obreiro para advertir aos infratores da ordem.

4. Evite:
• assentar-se de maneira deselegante: pernas abertas, braços estendidos para os lados, curvado, pernas cruzadas com joelhos elevados;

• mexer-se ou coçar-se em demasia, como se estivesse em lugar privativo;
• pregar com as mãos nos bolsos, mesmo que seja uma só, bem como ficar trocando de mão e de bolso, como se estivesse procurando alguma coisa;
• ajeitando as calças, como se estivessem caindo;
• com a mão no microfone, estando este no pedestal;
• gesticulando só com a mão esquerda;
• com a gravata ou colarinho em desarranjo;
• gesticulando só com a mão esquerda;
• com a gravata ou colarinho em desarranjo:
• com o olhar voltado para o teto, para a Bíblia ou qualquer outro lugar que não o auditório;
• tamborilando com os dedos;
• alheio ou distraído com relação ao que se passa ao redor;
• soltando piadas ou gracejos de mau gosto;
• mexer com o lenço demoradamente;
• abotoar e desabotoar o paletó inconscientemente;
• olhar para o relógio ou fazer outras coisas inconvenientes que diminuam a eficácia dos trabalhos, especialmente do sermão;
• assoar o nariz indiscretamente;
• ficar com as mãos cruzadas às costas ou ao peito durante o tempo da pregação;
• distração, mesmo por um momento durante o culto.

FATORES DE PERSONALIDADE DO PREGADOR

1. Perfeição Espiritual

O pregador tem que ser uma pessoa de fé.

2. Perfil Moral

O pregador deve ser um exemplo de nova vida. A sua vida fala mais alto do que as suas palavras.

3. Perfil Intelectual
A pessoa que abraça a carreira de pregador deve estar bem consciente de que escolheu uma função intelectual. Ele irá trabalhar mais com o cérebro do que com as mãos.

4. Perfil Psicológico
O pregador tem que ser uma pessoa equilibrada mental e emocionalmente.

5. Perfil Físico
A expressão física do pregador ajuda muito na entrega do sermão.

6. Perfil Sonoro
A voz é essencial para o sucesso do pregador. Portanto pronuncie corretamente as palavras, com firmeza e clareza.

O PREGADOR DIANTE DO AUDITÓRIO

1) Suba à plataforma bem preparado, mas dependente do Espírito Santo.
2) Comece com calma.
3) Prossiga de modo modesto.
4) Não trema.
5) Fale com clareza, sem declamar.
6) Empregue frases curtas e bem claras.
7) Evite monotonia.
8) Seja sempre senhor da situação.

9) Não empregue sarcasmos, expressões maliciosas, nem provoque risos, pois o pregador é representante de Deus e não de um circo.
10) Não ataque hostilmente.
11) Ande na plataforma com a devida dignidade.
12) Não ilustre com narrações longas.
13) Não se elogie a si mesmo.
14) Não se afaste do texto ou do tema.
15) Não canse os ouvintes com discursos extensos.
16) Procure suscitar interesse.
17) Fale com autoridade, mas não em tom de mando.
18) Fixe o olhar nos ouvintes.
19) Não crave os olhos nem no chão, nem no teto, nem tampouco em algum ouvinte particular.
20) Quando for citar um texto bíblico, cite primeiro o livro, depois o capítulo e por último verso.
21) Exalte a Cristo.

"As pessoas não vêm à igreja para ouvir um sermão. Vêm à igreja esperando que o sermão chegue ao coração, satisfaça as suas necessidades e modifique a sua vida. As pessoas querem ser mudadas. Estão cansadas, tão cansadas da vida de fracassos que vivem. Não querem somente pregação, mas ajuda e se alguém pode dar-lhes esta ajuda o povo vem".

Obreiros éticos

I. CONCEITUAÇÃO E DEFINIÇÕES

1. Ética como ciência secular

A Ética é um aspecto da filosofia. A Filosofia está segmentada em seis sistemas tradicionais: Política, Lógica, Gnosiologia, Estética, Metafísica e Ética que é o objeto de estudo. Para compreendermos melhor o sentido de Ética, vejamos, de forma sintética, em que se constituem os outros aspectos aos quais ela está agregada no contexto filosófico.

Dentre suas muitas acepções, filosofia é o saber a respeito das coisas, a direção ou orientação para o mundo e para a vida e, finalmente, consiste em especulações acerca da forma ideal de vida. Em suma, é a história das ideias. Tudo isto sob a ética humana. Precisamos aferir o pensamento humano com os ditames da Palavra de Deus que são terminantes, peremptórias, finais. O homem, seja ele quem for, é criatura, mas Deus é o Criador (Os 11.9; Nm 23.19; Rm 1.25; Jó 38.4).

Todos os campos de pensamento e de atividades têm suas respectivas filosofias. Há uma filosofia da biologia, da educação, da religião, da sociologia, da medicina, da história, da ciência etc. Consideremos entretanto, os seis sistemas acima mencionados que foram sistematizados por três antigos pensadores: Sócrates, Platão e Aristóteles.

a) Política — Este vocábulo vem do grego polis e significa "cidade". A política procura determinar a conduta ideal do Estado, pelo que seria uma ética social. Ela procura definir quais são o caráter, a natureza e os alvos do governo. Trata-se do estudo do governo ideal.

b) Lógica — É um sistema que aborda os princípios do raciocínio, suas capacidades, seus erros e suas maneiras exatas de expressão. Trata-se de uma ciência normativa, que investiga os princípios do raciocínio válido e das inferências corretas quer seja partindo da lógica dedutiva quer seja da indutiva.

c) Gnosiologia — É a disciplina que estuda o conhecimento em sua natureza, origem, limites, possibilidades, métodos, objetos e objetivos.

d) Estética — É empregada para designar a filosofia das belas-artes: a música, a escultura e a pintura. Esse sistema procura definir qual seja o propósito ou ideal orientador das artes, apresentando descrições da atividade que apontam para certos alvos.

e) Metafísica — Refere-se a considerações e especulações concernentes a entidades, agências e causas não materiais. Aborda assuntos como Deus, a alma, o livre arbítrio, o destino, a liberdade, a imortalidade, o problema do mal etc.

f) Ética — É a investigação no campo da conduta ideal, bem como sobre as regras e teorias que a governam. A ética, o homem distanciado de Deus por sua incredulidade e seus pecados, a estuda, entende e até se propõe a observá-la, mas não consegue, por estar

subjugado pelo seu eu, pelos vícios, pelo mundo, pelo pecado (Rm 2.15-19). Já os servos de Deus, pelo Espírito Santo que neles habita, triunfam sobre o pecado (Rm 8.2).

Existem inúmeros argumentos e considerações acerca deste tema, que será tratado aqui do ponto de vista da ética bíblica a qual expõe Deus como fundamento e alvo da conduta ideal.

2. Origem da palavra

Ética vem do grego, ethos, que significa "costume", "disposição", "hábito". No latim, vem de mos (mores), com o sentido de vontade, costume, uso, regra.

3. Definição

Ética é, na prática, a conduta ideal e reta esperada de cada indivíduo. Na teoria, é o estudo dos deveres do indivíduo, isolado ou em grupo, visando a exata conceituação do que é certo e do que é errado.

4. Ética Cristã

Ética Cristã é o conjunto de regras de conduta, para o cristão, tendo por fundamento a Palavra de Deus. É também chamada de Teologia Moral. Para nós, crentes em Jesus, o certo e o errado devem ter como base a Bíblia Sagrada, a nossa "regra de fé e prática".
O termo ética, no grego ethos, aparece várias vezes no Novo Testamento, significando conduta, comportamento, porte e compostura (habituais).

A ética cristã deve ser fundamentada no conhecimento de Deus como revelado na Bíblia, principalmente nos ensinos de Cristo, de modo que "...ele morreu por todos,

para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (2 Co 5.15; Ef 2.10).

II. VISÃO GERAL DA ÉTICA SECULAR E DA ÉTICA CRISTÃ

1. Antinomismo

Esse ensino errôneo é humanista e secular. Tudo depende das pessoas, e das circunstâncias. O filósofo incrédulo e existencialista Jean Paul Sartre, um dos seus promotores, afirma que o homem é plenamente livre. Num dos seus textos, ele escreve: "Eu sou minha liberdade; eu sou minha própria lei".

a) Posicionamento cristão

Esta teoria não serve para o cristão. Nela, o homem se faz seu próprio deus. A Bíblia diz: "Há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte" (Pv 14.12). "De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque este é o dever de todo homem" (Ec 12.13). O antinomismo é relativista, isto é, cada um age como quiser. É o que ocorria com o povo de Israel quando estava desviado, sem líder e sem pastor (Jz 17.6 e 21.25).

2. Generalismo

Essa falsa doutrina prega que devem haver normas gerais de conduta, mas não universais. A conduta de alguém para ser chamada de certa ou errada depende de seus resultados. É o que ensinava, no século XV, o

descrente, político e filósofo italiano Nicolau Maquiavel: "Os fins justificam os meios".

a) Posicionamento cristão

O generalismo não se coaduna com a ética cristã, pois, para o crente em Jesus, não são os fins, nem os meios, que indicam se uma conduta ou ação é certa ou errada. A Palavra de Deus é que é a regra absoluta que define se um ato é certo ou errado. Ela tem aplicação universal. O dever de todo homem é temer a Deus e guardar seus mandamentos (Ec 12.13). A Palavra de Deus não muda de acordo com as circunstâncias, os meios ou os resultados. Deus vela para a cumprir (Jr 1.12b; Mc 13.31).

Há outras modalidades, formas e expressões da ética secularista, como o situacionismo, o absolutismo e o hierarquismo, mas nada disso se coaduna ou se enquadra na ética bíblica, tanto a declarativa, como a tipológica e a ilustrativa. Estamos mencionando estas formas aqui porque o mundo fala muito nelas, mas não as cumpre.

O cristão ortodoxo na sua fé, e fiel ao seu Senhor, terá sempre no manancial da Palavra de Deus tudo o que carece sobre a ética, na sua expressão prática em forma de conduta, compostura, costumes, usos, hábitos e práticas diuturnas da nossa vida para agradar a Deus e dar bom testemunho dEle diante dos homens.

As abordagens éticas humanas são todas contraditórias. Como seus autores, humanos e falhos. Uma, como vimos, procura suprir as deficiências das outras. As abordagens éticas conflitam entre si, deixando um rastro

de dúvida e confusão em sua aplicação. Por isso, devemos ficar com a Palavra de Deus, que não confunde o crente, nem pode ser deixada de lado ao sabor dos meios, dos fins ou das situações. A Palavra de Deus satisfaz plenamente.

Detalhes que devem ser levados a sério e com certeza são as diferenças entre a boa e má pregação.
Tais como:

1 - Oração: É o caminho da unção divina. Uma vida de constante oração é dever daquele que aceita o chamado para a obra de Deus. Aceite isso com o coração aberto, orar antes da pregação ou no momento de tribulação não é o bastante para o obreiro que deseja ser aprovado.

2 – Administração do tempo: O pregador deve administrar o tempo enquanto ministra a palavra de Deus. É necessário valorizar o tempo e não gastá-lo com: saudações, louvores e orações prolongadas.

3- Cuidado com as ilustrações: Usar outras histórias de exemplo é bom, entretanto devem ser pertinentes ao assunto, e o foco deve ser a palavra de Deus (a Bíblia) e não a outra história contada.

4 – Não desabafar: Cuidado o altar é lugar de adoração. O pregador deve edificar a igreja com a palavra de Deus; e nunca usá-la para seu próprio interesse e jamais para resolver problemas pessoais.

5 – Utilizar palavras simples: Não adianta estudar muito e utilizar expressões que não serão compreendidas pela igreja, ou seja, não adianta estudar demais e a

igreja não compreender o que foi dito. Neste caso a pregação foi inútil.

6 – Microfone: - Não precisa gritar, fale normalmente que o equipamento de som faz o resto; se a igreja não te ouve a culpa não é sua, é de quem manipula o equipamento de som.

Em relação ao microfone:

Não aperte: O microfone não vai fugir, apenas segure firme o bastante para não cair no chão.
Não bata: Para testar o microfone fale nele, bater irá danificá-lo. Pode não parecer, mas é um equipamento sensível.

Outros fatores gerais:
- Tranquilidade: um pregador nervoso pode pregar a mensagem errada.

- Sensibilidade: um pregador sensível tem melhor compreensão da palavra e do momento que a igreja vive.

- Equilíbrio: o pregador deve se sereno diante da igreja. Demonstrar alegria, raiva ou tristeza pode colocá-lo em descrédito. A mensagem deve tocar a igreja e não o pregador.

Que nós obreiros a cima de tudo sejamos cheio de toda a plenitude de Deus e que tenhamos em nossa vida humildade para fazer a obra de Deus todos os dias de nossa vida. Para ganharmos muitas almas para o reino de Deus (1 Co 1.10; Ef 3.20).

A ética no culto a Deus no templo

Nosso objetivo é aplicar princípios éticos no campo espiritual, relacionando-os com o culto divino no tempo.
A primeira coisa a ser dita sobre o assunto é que toda adoração a Deus requer de nós um preço a ser pago.

Adoração sem preço, sem renúncia, sem exigência, não é verdadeira adoração (2Sm 24.24). Sempre existiram dois tipos de adoradores: os bons e os maus.

Por exemplo: Abel e Caim (Gn 4), Judas e Maria (Jo 12) e Ló e Abraão (Gn 18). O assunto que vou abordar relaciona-se com o melhoramento do culto divino: sua ordem, decência, reverência e espiritualidade, especialmente no templo.

Esse tipo de matéria é difícil para o articulista, porque leva alguém a pensar que ele é infalível e perfeito, exemplo de tudo o que fala e escreve. Portanto, para mim, que sou grandemente falho em tudo, é-me muito difícil fazer que estou fazendo.

De qualquer maneira, alguém terá que falar, independente de ser perfeito ou infalível, porque, se fosse assim, teríamos que dispensar todos os juízes, todos os delegados, todos os agentes da lei, porque todos eles são falhos. Mas, quem quer dispensá-los? Cada vez mais precisamos desses agentes da lei, apesar de suas falhas.

É baseado nesse princípio, que resolvi escrever sobre a desordem na casa de Deus, a falta de ética que ocorre no culto divino. Não é que eu seja um espelho, um modelo, um perfeito exemplo. Também não me tenham como um fariseu, sectário, implicante, intransigente. O que ocorre comigo deve ocorrer com você, que ama a casa de Deus. Trata-se do cumprimento do que está escrito em João 2.17: "O zelo da tua casa me devorará".

Todos os salvos têm uma parcela de responsabilidade na obra de Deus, e isso inclui a cooperação para a boa ordem do culto. Há necessidade de que cada um sinta dores de coração, angústia e preocupação pelo estado de coisas por que passa o culto divino em nossas casas de oração atualmente.

Ou os irmãos acham que o que está ocorrendo em nossos cultos deveria ficar como está? Não! Está na hora de um BASTA! Em nome de Jesus e através da oração, do jejum, e da cooperação e providências de cada um. É preciso pôr termo às anormalidades que vêm ocorrendo em todas as fases do culto, na maioria das igrejas, congregações e pontos de pregação.

I. ATITUDES IMPRÓPRIAS NO PÚLPITO

1) Contar gracejos, anedotas ou usar vocabulários vulgares. Não confundir essas coisas com ilustrações adequadas.

2) Falar gritando o tempo todo. Para que serve o microfone?

Há crentes e não crentes que já deixaram de frequentar certas igrejas porque seus ouvidos não suportam mais o barulho louco e constante do pregador, dos hinos e dos instrumentos com todo volume. Isso nunca foi louvor a Deus. Estão muito enganados os que pensam que é.

3) Fazer uma leitura bíblica para a pregação e nunca mais voltar a ela.

4) Emitir cacoetes fônicos, como "eh", "ah", quando fica em dúvida, numa pausa forçada, indeciso ou em dificuldade, ou quando lê mal.

5) Ao subir a plataforma, a pessoa convidada a falar não deve apertar a mão de todos lá.
O fato de ser convidado a falar ou cantar já dispensa o ato de apertar a mão de quem quer que seja. Ao chegar à plataforma, basta um leve aceno respeitoso com a cabeça ou com a mão.

6) Não aplicar truques aos pecadores ao fazer apelo. Pessoas há por aí que hoje não vão aos cultos por causa de vexame sofrido em público por parte do pregador. Por falar em apelo, este deveria ser feito estando os crentes com suas cabeças curvadas em oração.

7) Quem chega à plataforma para falar não deve usar de mecanismo para com os crentes. Exemplo: dizer "A paz do Senhor!" e repetir isso até que haja eco suficiente para agradá-lo. É também o caso do uso indevido, descabido e intempestivo de expressões sagradas, como "Aleluia!", "Amém!" e "Glória a Deus!”.

8) Não dar oportunidades a desconhecidos para falar ou cantar. Você está sujeito a vexame, o público ficará escandalizado, a igreja ficará envergonhada e tudo isso ocorrerá por sua conta! Sim, por conta de quem está dirigindo o culto.

9) Não conversar no púlpito, não despachar expediente, não sair do seu lugar, a não ser numa emergência.

10) Se você não é o pregador do culto, dose seu tempo quando for convidado a falar.
Quando o dirigente do culto convidá-lo para "um testemunho", isso não deve levar mais do que cinco minutos. Tratando-se de testemunho, não se é obrigado a ler a Bíblia. Se é "uma palavra", isso não deve levar mais do que dez minutos. "Uma saudação" não deve ir além de cinco minutos. E o ideal é que uma pregação não ultrapasse 45 minutos.

11) Evite o uso de bateria nos cânticos de apelo, que deve ter música suave e em tom brando.

II. A CONDUTA DA CONGREGAÇÃO

1) A eficácia do púlpito para uma mensagem poderosa depende muito da atitude da congregação durante o culto sagrado.

2) O crente deve fazer no púlpito aquilo que pediu ao dirigente para fazer ou para o que foi convidado a fazer.
Muitos são chamados para dar um testemunho e acabam pregando e, ainda por cima, cantam mais um hino.

Muitos pedem para cantar e acabam pregando também, ou então intercalam testemunho e cântico. Isso é impróprio, sendo uma maneira de iludir a boa fé do pastor.
Outros vão cantar, mas não dizem quantos hinos vão cantar, e então cantam vários hinos. Isso também está errado em se tratando do culto, onde deve haver equilíbrio.

3) Quando o coral ou o conjunto cantar, se você não é corista nem integrante do conjunto, não cante, porque isso prejudica a execução do coral ou conjunto.

Se você conhece o hino que o coral ou conjunto está cantando, cante intimamente ou então ingresse no coral ou conjunto. Pior é o que constantemente ocorre com solistas, que sem pedirem nada a ninguém, quando ele ou ela menos espera, está "acompanhado" de um bom número de "auxiliares", e geralmente desafinados!

A mesma coisa acontece com os irmãos tocam instrumentos. Se o cantor (ou conjunto) quisesse acompanhamento, eles o solicitariam antes.

4) Irmãos chamados para ler a Bíblia (leitura oficial) acabam falando outras coisas também. Se você foi convidado só para ler a Bíblia, faça somente isso. Não tome liberdades. Não se ponha a falar nada mais.

5) Não copie o modelo de outros pregadores, porque isso jamais dará certo. Procurar sempre melhorar, isso sim; mas imitar os outros, não; porque assim você perde a sua individualidade, a sua identidade, que é a sua marca registrada.

Quando você tenta ser o que não é, imitando alguém, você perde aquilo que caracteriza você (Jornal Mensageiro da Paz, fevereiro de 2004, Antônio Gilberto).

Cargos Ministeriais

I. OBREIRO E MINISTÉRIO

1. Definindo o termo obreiro

a) Trabalhador; operário (1Cr 4.21; 2Tm 2.15).

b) Pessoa que pratica ou planeja (Sl 14.4).

O obreiro cristão refere-se à pessoa que se dedica a realizar alguma atividade eclesiástica dentro da Igreja.

Considera-se "obreiro" aquele que dedica boa parte de seu tempo a Obra do Senhor, exercendo um cargo eclesiástico ou em vista de ser reconhecido como tal.

2. Ministério - [Do lat. ministerium] Ofício, cargo e função. A principal característica do ministério cristão é o serviço. Nisto, segue as recomendações de Cristo que veio para este mundo não para ser servido, mas para servir.

Nas Igrejas Assembleias de Deus há obreiros que são classificados da seguinte forma.

a) Diáconos - O dicionário da Bíblia de Almeida sobre o 'Diácono', assim disserta: "Pessoa que ajudava nos trabalhos de administração da Igreja e cuidava dos pobres, das viúvas e dos necessitados em geral".

O diácono também pregava o evangelho e ensinava a doutrina cristã (At. 6,1-8; I Tm. 3.8-13).

Um diácono é um servo. Um diácono é alguém que Deus mesmo capacitou com dons espirituais para que sirva a igreja dentro da sua esfera de trabalho.

Às vezes ele se ocupa no dia a dia da igreja, servindo aos irmãos, visitando-os e auxiliando-os nas suas necessidades.

b) Presbíteros (Tito 1.5- 5; 1Pe 5.1 – 4) - "Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar" (I Pe. 5.1).

O termo presbítero no grego é 'presbyteros' que significa o 'MAIS VELHO, o ANCIÃO, não o mais idoso.

Na igreja primitiva esse título era usado de modo intercambiável com outros dois, 'bispo' e 'pastor'. Presbítero é um título de dignidade dos indivíduos experientes e de idade madura que forma o governo da igreja local.

É também um sinônimo de bispo (gr. episkopos, supervisor); e de pastor (gr. poimen).

d) Evangelistas - É uma pessoa dotada de capacidade especial para pregar o evangelho. Alguns usam esse título apenas em relação aos escritores dos quatro

evangelhos. A Bíblia, no entanto, cita ainda Filipe e Timóteo como evangelistas. (At.21.8 II Tm. 4.5).

De acordo com a bíblia Dake o termo evangelista vem do original grego "eungelistes". Cujo significado é portador de boas novas.

e) Pastores – Pastores são figuras comuns nas Escrituras Sagradas, a começar por Abel (Gn 4.2). Por isso, não nos surpreende, entretanto, que o Antigo Testamento frequentemente retrate Deus como Pastor (SI 23.1; 80.1; Is 40.11; Jr 31.10 e Ez 34.11-13) e os líderes do seu povo como pastores (Ez 3.4).

O termo grego para pastor é *poimén*. Significa alguém que, em geral, cuida dos rebanhos. Em referencia aos dons ministeriais (Ef 4.11) o pastor é um guia espiritual de uma igreja.

Os pastores são aqueles que dirigem a congregação local e cuidam das suas necessidades espirituais.

A tarefa do pastor é cuidar da sã doutrina, refutar a heresia (Tt 1.9-11), ensinar a Palavra de Deus e exercer a direção da igreja local (1Ts 5.12; 1Tm 3.1-5), ser um exemplo da pureza e da sã doutrina (Tt 2.7,8), e esforçar-se no sentido de que todos os crentes permaneçam na graça divina (Hb 12.15; 13.17; 1Pe 5.2).

Infelizmente nem todos compreendem o alto significado de ser pastor de almas e nem todos que foram investidos nesse cargo desempenham a contento a árdua missão.
Vejamos o que não é ser pastor e algumas definições para o verdadeiro pastor de almas.

O QUE NÃO É SER PASTOR?

Ser pastor não é ser apenas dirigente de culto.
Ser pastor não é falar bonito, não é ser bom orador.

DEFINIÇÕES PRÁTICAS DO VERDADEIRO PASTOR

O pastor é aquele homem escolhido por Deus para aperfeiçoar os santos, edificar a igreja de Deus, apascentar o rebanho do Senhor e zelar pela causa de Cristo.

1. Ser pastor é ser dirigente de vidas e transformar tudo aquilo que o Doador da vida deseja que os homens recebam.
2. Ser pastor é ter paixão pelas almas.

3. Ser pastor é amar profundamente o Senhor Deus.

4. Ser pastor é dar a vida e seus esforços pela Igreja do Senhor.
5. Ser pastor é cuidar do bem está moral e espiritual dos membros da Igreja do Senhor.
6. Ser pastor é não descuidar dos interesses dos servos de Deus.

7. Ser pastor é ter uma vida digna do nome de Cristão.
8. Ser pastor é viver em íntima comunhão com Deus para dEle receber a orientação.
9. Ser pastor é estar á altura de ensinar as verdades divinas ao povo de Deus, como alguém que maneja bem a palavra da verdade.
10. Ser pastor é ter capacidade de enfrentar as terríveis investidas dos falsos ensinadores que procuram assaltar a fé cristã e a Igreja.
11. Ser pastor ainda é ser bom organizador e administrador exemplar dos bens do Senhor, como fiel mordomo.
12. Ser pastor é possuir muita paciência e resignação, fé e amor, saber chorar e rir no momento próprio, ser otimista e ter visão, que prima por uma vida de santidade, em alto nível espiritual, sem, contudo cair no erro do fanatismo.

Quem pensa que é fácil ser pastor não passa de mal informado, ignorante e prepotente e a verdade ainda não o alcançou. Ser dirigente de igreja é fácil. Mas ser pastor não é fácil. É por isso que para ser pastor é preciso se ter vocação e chamada do dono da Igreja - Deus na pessoa de Jesus Cristo.

JESUS COMO PLENO PASTOR

Nos tempos do Novo Testamento, pastores não foram altamente considerados. Entretanto, é surpreendente

notar que o anúncio dos anjos sobre Jesus tenha sido feito a humildes pastores (Lc 2.8-11). Todavia, isso foi apropriado para o Messias, o filho de Davi (o pastor-rei), que nasceu na cidade de Belém, a cidade de Davi (Ez 34.23).

Quase desapercebido nos relatos da natividade é a representação pictórica de Jesus como pastor. Na citação de Mateus de Miquéias 5, Jesus é chamado "o Guia que há de apascentar o meu povo Israel", Lc 2.6.

1. O pastor Jesus.

Na Primeira e Segunda Vinda Jesus é descrito como pastor. Paradoxalmente, o Cordeiro "deveria os apascentar [literalmente ser o pastor deles], e deveria guiá-los às fontes das águas da vida (Ap 7.17). Ele irá reger [literalmente pastorear] todas as nações com a vara de ferro (Ap 12.5; 19,15). Esse último conceito aplica-se bem aos dominadores (2.26-27).

Jesus descreveu a si mesmo como o bom pastor (João 10.11-14) que deu a sua vida pelas ovelhas.

Nessa conexão ele também poderia ser chamado de sumo pastor (Mt 26.31 e Zc 13.7). Em senso único, é claro, somente Jesus deu a sua vida pelas ovelhas. Ainda em senso restrito isso sugere que qualquer pastor tem a obrigação moral de estar disposto a sacrificar a si mesmo em favor de uma ovelha.

Jesus é, além disso, chamado de grande pastor das ovelhas (Hb 13.20) e de o pastor (Jo 10.16 e Ez 34,23; 37.24). Pedro o chamou de Sumo pastor (IPd 5.4); um escritor sugere a tradução "Mestre-pastor".

A combinação pouco usual dos termos refere-se a Jesus como pastor e guardião das nossas almas (IPedro 2.25). A frase poderia ser traduzida por guardião-pastor.
2. Episkopos.
A palavra episkopos é frequentemente conferida a bispo ou supervisor.
J.N.D. Kelly em seu comentário em IPedro sugere que o episkopos é "aquele que inspeciona, olha por, protege".
Esse grupo de termos tem significação especial quando aplicados aos líderes na igreja. Tanto Paulo quanto Pedro enfatizaram o aspecto guardião-supervisor do ministério.

PAULO E PASTORES

Na lista dos dons de liderança que o Cristo em ascensão deu à Igreja, Paulo falou de "pastores e mestres [tous poimenas kai didaskalous]" (Ef 4.11).

Eruditos em Bíblia continuam a debater se Paulo estava falando de duas chamadas distintas ou se pretendia dizer alguma coisa como "professor-pastor". Certamente uma das principais características de um pastor é nutrir e alimentar o rebanho pelo ensino e exposição da Palavra de Deus.

Esse é o motivo pelo qual existe a distinção de vocação, qualificando um bispo como capaz de ensinar (didaktikos), conforme l Timóteo 2.24 e 3.2.

Um número considerável de autoridades confere a essa palavra grega a ideia de "hábil em ensinar", "hábil ensinador", "apto a ensinar" e "competente para ensinar".

Efésio 4.11 é a única passagem no Novo Testamento onde tal pessoa é designada pela palavra grega para pastor (*poimén*) ainda que seja geralmente aceito que essa designação possa ser intercambiável com bispo/supervisor (episkopos) e ancião (presbuteros).

Todas os três conceitos são encontrados em conjunto nos relatos paulinos discursados de Mileto aos efésios.
Eles são chamados de anciãos (At 20,17). Paulo disse a eles que o Espírito Santo os tinha feito supervisores do rebanho, do qual eles eram pastores (v28).
Esse era o preço notificado por Paulo no verso em que ele exortou esse homem: "Olhai, pois, por vós, e por todo rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue", At 20.28,
Isso nos lembra da designação de Pedro apontando Jesus como pastor e guardião-bispo de nossas almas (!Pd2.25).

PEDRO E OS PASTORES

Jesus interagiu com Pedro (lembre-se de João 21.15-17), que é digno de estudo. Irei tratar somente com os elementos relacionados diretamente ao tópico.

Jesus mandou Pedro tanto alimentar quanto zelar (boskô - versos 15 e 17) e apascentar (*poimainô* - verso 16) as ovelhas.

Os objetos do seu cuidado são chamados tanto de os cordeiros de Deus (arnia - verso 15) como de suas ovelhas (probata - verso 16-17).

O ímpeto da mensagem é claro: a responsabilidade de Pedro foi de promover bem-estar para todo o rebanho do Senhor.

Pedro certamente teve esse incidente em mente quando ele exortou "os anciãos entre vós a apascentarem (*poimainô*) o rebanho de Deus, chamando sobre eles a responsabilidade de fazerem isso voluntariamente com zelo; não por torpe ganância, mas de ânimo pronto" (IPd 5.1-3),

Em contraste, Pedro sugeriu que o Sumo Pastor irá recompensar seus fiéis (1Pd 5.4)[1]

COISAS QUE O PASTOR NÃO PODE ESQUECER

1. O dono da Igreja é Cristo.
2. A igreja custou o sangue de Cristo.
3. É o Espírito Santo quem dá pastores para a igreja, porém, não dá a igreja a pastores.

4. Apascentar (cuidar alimentar e) a igreja é um deve do verdadeiro pastor.
5. O exercício do pastoreio não poder ser com ganância.
6. Não pode tratar as ovelhas como um ditador.
7. O pastor é obrigado ser exemplo de seu rebanho.
Leia:
Atos 20.28 Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue.

Pastoreai o rebanho de Deus que está sob vosso cuidado, não por constrangimento, mas voluntariamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como ditadores daqueles que vos foram confiados, antes, tornando-vos exemplos do rebanho. Ora, assim que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imperecível coroa da glória! (1 Pedro 5.1-4)

III. O MINISTÉRIO DO OBREIRO

No conceito popular "obreiro" é o que executa a obra e o "ministério" é a obra a ser executada.

Deveres do obreiro em relação ao seu ministério pessoal.
Podemos destacar aqui três grandes deveres do obreiro que quer ser diferenciado em seu ministério.

1) Procura presentar-se a Deus aprovado

A palavra que Paulo emprega para dizer apresentar-se é a palavra grega *parastesai*, que significa apresentar-se para o serviço.

A expressão "procura apresentar-te" (2 Tm 2.15) significa "sê diligente, zeloso". É traduzida por "depressa" e "apressa-te", em 2 Timóteo 4.9, 21 e Tito 3.12, respectivamente. A ênfase desse parágrafo é sobre o fato de que o obreiro precisa ser diligente em seus trabalhos de modo a não ficar envergonhado quando sua obra for inspecionada.

A palavra grega para aprovado é *dokimos*. Dokimos descreve a tudo o que foi provado e purificado e que está preparado para o serviço.

Por exemplo, descreve o ouro ou a prata que foi purificada e limpos de toda liga no fogo. Portanto é usada para referir-se ao dinheiro que é genuíno. É a palavra que se usa para referir-se a uma pedra que foi cortada, provada e está pronta para ser localizada em seu lugar num edifício. Timóteo devia ser purificado e provado para que pudesse ser um instrumento adequado para a tarefa de Cristo, e, portanto um trabalhador que não tivesse do que envergonhar-se.

Características de um obreiro aprovado.
(1) Um obreiro aprovado estuda a Palavra com diligência e procura aplicá-la à própria vida.

(2) Um obreiro aprovado não desperdiça o tempo discutindo "palavras que para nada aproveitam" (2 Tm 2.14), pois sabe que esse tipo de discussão serve apenas para destruir a obra de Deus (ver 1 Tm 6.4; Tt 3.9).

(3) Um obreiro aprovado evita "falatórios inúteis" (2 Tm 2.16; 1 Tm 6.20), pois sabe que só promovem mais impiedade.

(4) Um obreiro aprovado sabe que a falsa doutrina é perigosa e se opõe a ela. Paulo compara-a a um câncer (2 Tm 2.1 7).

(5) O obreiro aprovado usa a Palavra corretamente.
Ao usar a Palavra corretamente, superamos as tribulações e somos aprovados por Deus. Martinho Lutero disse, certa vez, que um pastor é feito de oração, estudo e sofrimento. Não é possível ser aprovado sem ser testado.

2) Não ter do que se envergonhar
Um obreiro envergonhado desperdiça o tempo com outros "deveres religiosos" e tem pouco ou não tem nada a oferecer para sua classe ou congregação.
Como obreiros de Deus, cada um de nós será aprovado ou envergonhado.

O que significa "se envergonhar"?

Sem dúvida, quer dizer que o trabalho desse obreiro ficou abaixo dos padrões e não pode ser aceito. Significa que perderá a recompensa.

No tempo de Paulo, um construtor que não seguia as especificações era multado.
Quando o Senhor julgar nossas obras, será revelado se, como obreiros, manejamos a Palavra de Deus com honestidade e cuidado. Alguns que hoje são os primeiros, no porvir serão os últimos!

3) Manegar bem a palavra da verdade
A palavra grega que responde a esta "manegar" é a palavra *orthotomein*, que literalmente significa cortar bem.
"Manejar bem" também pode ser traduzido por "dividir corretamente" ou "cortar em linha reta".

A palavra de Deus é a espada do Espírito (Ef 6.17b). Ela é mais cortante do que toda espada de dois gumes (H4. 12), daí a necessidade de se manegar bem a Palavra de Deus (2Tm 2.15).
Quem manegar mal esta Palavra corre o risco de ensinar preceitos de homens e se enveredar por doutrinas de demônios.

O homem que divide corretamente, que dirige corretamente, a palavra da verdade traça um caminho

reto através da verdade e se nega a ver-se tentado por desvios prazenteiros, mas irrelevantes.

O pregador e o mestre que usam a Palavra corretamente edificam a igreja de acordo com a vontade de Deus. Mas o obreiro desleixado maneja a Palavra de Deus de modo enganoso, segundo os próprios interesses (2 Co 4.2). Quando Deus provar os ministérios nas igrejas locais, infelizmente alguns se transformarão em cinzas (1 Co 3.1).

Caraterísticas do obreiro que manega bem a Palavra da Verdade

O homem que manega (manuseia) corretamente a palavra da verdade, não a muda, não a perverte, não a mutila nem a distorce, nem faz uso dela com um propósito erróneo em mente.

Ao contrário ele interpreta as Escrituras em oração e à luz das Escrituras. Aplica seu sentido glorioso, corajosamente e com amor, a situações e circunstâncias concretas, fazendo-o para a glória de Deus, para a conversão dos pecadores e para a edificação dos crentes. Rejeita o que está em conflito com seu conteúdo e significado.
"Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2Tm 2.15).

IV. O OBREIRO E A IGREJA DE DEUS

A igreja foi comprada pelo sangue de nosso "Deus Jesus Cristo" (At 20.28; Hb 9.14).
Esta igreja que foi resgatada não com prata ou ouro, e sim com o precioso sangue de Cristo (1pe 1.18.19), é tão importante que é chamada de:
1) Rebanho de Deus (1Pe 5.2 – ARC);
2) Igreja de Deus (At 20.28);
3) O templo de Deus (1Co 3.16).

A fim de não sermos reprovados pelo dono desta igreja, precisamos pastorear a nossa congregação de acordo com o que fora prescrito em 1Pedro 5.2,3.

"Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho" (ACF).

"... por torpe ganância..."

De acordo com a Bíblia de Estudo Pentecostal, no que se refere à ganância existem dois pecados perigosos para os pastores e dirigentes da igreja, dos quais esses obreiros devem acautelar-se.

1. Os obreiros devem acautelar-se da ambição por dinheiro

A ambição por dinheiro (ver 1 Tm 3.3,8; Tt 1.7).

O ensino do Novo Testamento para quem administra a obra de Deus é que recebam sustento adequado da igreja (Lc 10.7; 1 Co 9.14; 1 Tm 5.17) e que se contentem com o que têm para si mesmos e para suas famílias. Nenhum pastor deve enriquecer-se em detrimento da obra de Deus. Aqueles que se deixam dominar por este desejo, ficam à mercê dos pecados da cobiça, da prevaricação e do furto. Por amor ao dinheiro, comprometem a Palavra de Deus, os padrões da retidão e os princípios do reino de Deus.

2. Os obreiros devem acautelar-se da sede de poder

Aqueles que cobiçam o poder dominarão aqueles a quem deveriam servir, pelo abuso excessivo da sua autoridade.

Antes, o pastor deve conduzir a igreja, servindo de exemplo ao rebanho na sua devoção a Cristo, no serviço humilde, na perseverança, na retidão, na constância na oração e no amor à Palavra. O obreiro de se portar de modo que sua fé e maneira de viver sirvam de exemplo para as suas ovelhas (Hb 13.7).

"... sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza" (1Tm 4.12).

Deus como dono da igreja é também o dono das diretrizes, as quais devem ser praticadas pelos obreiros em relação à igreja (1Pedro 5.2,3).

O Pregador e a Comunicação Eficiente

CONCEITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Do latim *communicatio*, de communis = comum. Ação de tornar algo comum a muitos.
É o estabelecimento de uma corrente de pensamento ou mensagem, dirigida de um indivíduo a outro, com o fim de informar, persuadir ou divertir.

HISTÓRICO

Desde os tempos mais remotos, o homem procurou comunicar-se com seus semelhantes; e o fez não só na época em que viveu, mas também deixando informações a seus posteriores.

Desenhou em paredes, nas cavernas: idealizou a escrita, comunicou-se tanto com sua época, como com o futuro; sempre com uma finalidade, a de legar conhecimentos.
A evolução se fez sentir na maneira de comunicar-se, inventou e pôs em uso aparelhos sonoros e visuais; e, nessa ânsia de se entender com seus pares, produziu uma população sonora-visual. Mensagens em profusão, para vender produtos, ou para recomendar que se faça ou deixe de fazer alguma coisa. Mas, a inteligência humana aprendeu a selecioná-las: somente as mais perfeitas são recebidas, como foram transmitidas, sem distorções.

MECANISMO

As telecomunicações emprestaram termos de seu próprio uso. E, assim, a comunicação apresenta como elementos básicos:
a) EMISSOR - o que transmite a mensagem.
b) RECEPTOR - o que recebe a mensagem.
c) CANAL - o meio de comunicação.
d) MENSAGEM - o fato que se relata.

TIPOS:
A proliferação de tipos de mensagens é imensa, mas pode-se agrupá-las em:
Primeira - COMUNICAÇÃO VERBAL - Aquela em que a palavra é o meio usado para canalizar a mensagem.

Segunda - COMUNICAÇÃO ESCRITA - Aquela em que a mensagem é: transmitida por caracteres gráficos ou desenhados.

Terceira - COMUNICAÇÃO POR GESTOS - Aquela que abrange a mímica, olhares, posturas, onde se transmite uma mensagem visual através do corpo humano.
As comunicações podem ser: CONSCIENTES E INCONSCIENTES

COMUNICAÇÕES CONSCIENTES: São aquelas em que os gestos acompanham aquilo que se diz. Ex: Dizer que estamos alegres, permanecendo sorridentes.

COMUNICAÇÕES INCONSCIENTES: São aquelas em que se fala alguma coisa, mas a postura não condiz com o que se transmite. Ex: Citar que estamos descansados, mas apresentarmo-nos curvados.

REQUISITOS DA MENSAGEM

Uma mensagem para ser bem transmitida e bem recebida precisa apresentar os seguintes requisitos:
1ª) estar ajustada ao destinatário;
2ª) possuir conteúdo significativo (palavras sem nexo não constituem mensagem);
3ª) Apresentar sentido claro (muitas vezes as mesmas palavras oferecem sentido diverso para pessoas diferentes);
4ª) estar completa;
5ª) ser objetiva (inserida na realidade);
6ª) ser oportuna.

BARREIRAS NAS COMUNICAÇÕES

Não só os ruídos produzem barreiras nas comunicações, mas obstáculos muito mais sutis. Essas barreiras são tanto mais fortes quanto mais escondidas. Pode-se apresentar uma lista interminável daquilo que obstaculiza o entendimento nas comunicações; porém, citaremos algumas barreiras principais:

1ª) OPINIÕES E ATITUDES DO RECEPTOR - Só entende a mensagem que queira entender, talvez por lhe interessar ou não.

2ª) EGOCENTRISMO - Fato que impede de enxergar ou entender o ponto de vista do emissor, pois, pelo instinto de superioridade, há uma tendência em rebater aquilo que se diz.

3ª) PERCEPÇÃO - Certas palavras apresentam uma conotação que predispõe o receptor a ouvir ou ver com atenção a mensagem, ou, ainda, a desinteressar-se por ela. (Exemplos de palavras como: rico, pobre, militar, operário, branco, preto, salvação, perdição, pecado, céu, inferno, judeu, etc.) Todas elas dizem respeito a raças, profissões, condições financeiras, sentimentos religiosos, etc, e que levam o receptor a uma predisposição pelo que possa pretender que se transmita e receba.

4ª) COMPETIÇÃO - Ao ser transmitida a mensagem, há uma concorrência, corta-se a palavra, e cada um dos receptores tem o desejo de que se entenda o que pretende dizer. Ninguém entende nada.

5ª) FRUSTRAÇÃO - Fato que leva a pessoa a não entender o que se transmite, por levá-la a raízes diversas. Certas particularidades pessoais, como lembranças passadas, e em sentido comparativo, são motivadoras de frustrações.

6ª) TRANSFERENCIA - Inconscientemente, os sentimentos que se têm com pessoa parecida com o interlecutor podem ditar uma predisposição, favorável ou não.

7ª) PROJEÇÃO - Emprestamos a outrem intenção que nunca teve, mas que teríamos em seu lugar.

8ª) INIBIÇÃO - Fator prejudicial em todos os sentidos, em que nos desvalorizamos.

Além dessas barreiras de caráter pessoal, é de se mencionar a existência de outras barreiras coletivas.
A distância social entre chefes e subordinados, no mais baixo escalão hierárquico, induz à existência de intermediários, como elos de ligação. Quanto maiores forem os intermediários, em número maior serão as distorções nas comunicações.

E óbvio que aqueles que ocupam uma posição mais próxima do emissor recebem a mensagem mais perfeita; e na sequência de transmissões ocorrem distorções, produzindo com o distanciamento social uma baixa na produtividade.

As comunicações são por demais usadas em reuniões, no sentido de entrosamento, troca de ideias, fixação de objetivos. Karl E. Ettinger ensina que:

"A falta de informações contribui para o sentimento de confiança".

"Feedback"

Traduzido do inglês como realimentação, consiste em verificar o próprio desempenho e corrigi-lo, caso seja necessário.

Todo bom professor deve estar sempre atento ao comportamento de seus alunos, bem como às suas reações, principalmente se notar que eles demonstram não estarem entendendo o ensinamento. Nesse caso, o professor poderá formular perguntas semelhantes a estas:

- Vocês estão me entendendo?
- Estão acompanhando o raciocínio?
- Está claro?

As respostas dos alunos, a essas indagações caracterizam o uso do "FEEDBACK (realimentação, opinião)".

Não é somente através de palavras que as pessoas que se comunicam realimentam-se, mas também através da expressão física de seus ouvintes. Ex: Bocejos, olhares dispersos, olhos fechados, semblante franzido de atenção, etc.

O Pregador e o Estudo da Bíblia

I. PORQUE É IMPORTANTE ESTUDARA BÍBLIA?

Por que a Palavra de Deus é tão importante?

1- Porque ela contém o propósito de Deus e o desejo dele para a sua vida (2Tm 3.16-17). É a única fonte de autoridade divina absoluta para você como um servo de Jesus Cristo.

2- Ela é infalível em sua totalidade: "A lei do Senhor é perfeita e restaura a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos símplices" (SI 19.7).

3- Ela não tem erros: "Toda palavra de Deus é pura; ele é escudo para os que nele confiam. Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda, e sejas achado mentiroso" (Pv 30.5-6).

4- Ela é completa: "Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro" (Ap 22.18-19).

5- Ela possui autoridade final: "Para sempre, ó Senhor, está firmada a tua palavra no céu" (SI 119.89).

6- Ela é totalmente suficiente para as suas necessidades: "...a fim de que o homem de Deus seja perfeito e

perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm 3.16-17).

7- Ela cumprirá o que promete: "Assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei" (Is 55.11).

8- Ela dá a certeza da sua salvação: "Quem é de Deus ouve as palavras de Deus..." (Jo 8.47, cf. 20.31).

II. COMO SEREI BENEFICIADO PELO ESTUDO DA BÍBLIA?

Milhões de páginas de material são impressas a cada semana. Milhares de novos livros são publicados a cada mês.
Isso não seria uma surpresa para Salomão, que disse "... atenta... não há limite para fazer livros" (Ec 12.12).
Mesmo com a riqueza de livros e com a ajuda de computadores de hoje, a Bíblia permanece a única fonte de revelação e poder divinos que pode sustentar os cristãos em sua "caminhada diária com Deus".
Observe estas importantes promessas na Escritura.
A Bíblia é a fonte da verdade: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17).

A Bíblia é a fonte das bênçãos de Deus quando obedecida: "Ele, porém, respondeu: Antes, bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam" (Lc 11.28).

A Bíblia é a fonte da vitória: "... a espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Ef 6.17).
A Bíblia é a fonte de crescimento: "desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação" (lPe 2.2).

A Bíblia é a fonte de poder: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16).

A Bíblia é a fonte de orientação: "Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos" (SI 119.105).

O Pregador e a Visão Geral da Bíblia

A BÍBLIA, SEUS IDIOMAS E SUAS DIVISÕES

A palavra grega biblos significa um livro, um escrito qualquer, tendo mesmo servido para indicar o livro da vida, como se vê em Apocalipse 3.5, isto é, um livro sagrado. Estritamente falando, biblos era um livro, e biblion um livrinho.

A palavra "Bíblia", mediante um desenvolvimento histórico divinamente dirigido, veio a designar o Li¬vro dos livros, as Escrituras Sagradas, contendo 66 livros – 39 no Antigo Testamento e 27 no Novo.

I. O TERMO BÍBLIA E SEU USO

1. O uso do termo Bíblia pela Igreja Primitiva

O primeiro uso na igreja primitiva do termo ta biblia, "os livros", para a Bíblia no sentido acima, registra-se ter sido encontrado em II Clemente XIV. 2 (em aprox. 150 d.C.). "Os livros e os apóstolos declaram que a igreja existiu desde o princípio".

Daniel, porém, já havia falado das Escrituras, particularmente das profecias existentes em seu tempo, como "os livros" (em hebraico, sparim, Dn 9.2).

2. Expressões sinónimas referindo-se ao Antigo Testamento

Várias expressões sinónimas referindo-se ao Antigo Testamento (AT são encontradas no Novo Testamento (NT), tais como "os escritos" ou "as Escrituras" (hai graphai; ta grammata)).

Escrituras
A forma mais concisa é, simplesmente, "as Escrituras" (Mt 21.42 – chamada "esta Escritura" em Mc 12,10, a passagem paralela; Mt 22.29; Lc 24.32; Jo 5.39).
2- A Escritura (At 8.32; Gl 3.22).
3- As Santas Escrituras (Rm 1.2; 2 Tm 3.15).
4- As outras Escrituras (2 Pe 3,16).

Vários outros termos descritivos do cânon do AT são encontrados no NT, tais como "a Lei" (Mt 5.18; Lc 16.17; Jo 12.34); "Moisés e os
"Profetas" (Lc 16.29; 24,27); "a Lei e os Profetas" (Mt 22.40; Lc 16.16); ou possivelmente de forma ainda mais completa, "na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos" (Lc 24.44).

3. Idiomas da Bíblia
O Antigo Testamento foi escrito em hebraico, com exceção de algumas passagens em aramaico encontradas em Esdras 4.8-6.18; 7,12-26; Jeremias 10.11; Daniel 2.4-7.28.

O texto hebraico original não continha vogais. Estas foram acrescentadas pelos eruditos judeus massoréticos no século VI d.C. em diante, de acordo com a pronúncia tradicional antiga.

O texto hebraico foi traduzido para o grego entre 250 e 150 a.C. Esta primeira versão do Antigo Testamento (AT)

é chamada de Septuaginta ou LXX (os "setenta", uma vez que expressava o trabalho de 70 tradutores).

O Novo Testamento foi escrito na linguagem vernacular comum (Koiné) do primeiro século, da mesma forma que Martinho Lutero usou o alemão comum da época em sua tradução da Bíblia.
Em vários casos, o Novo Testamento (NT) cita a LXX ao invés do texto hebraico.

A descoberta dos fragmentos de papiros gregos no deserto egípcio, escritos em Koiné, isto é, no grego comum ou vernacular (o grego que se falava nos dias do NT), explicou as principais diferenças entre o NT e o grego clássico.

Texto da Escritura
A Bíblia foi escrita durante um período de aproximadamente 1500 anos. Os cinco livros de Moisés podem ser datados de 1400 a.C. e o último livro do Novo Testamento, o Apocalipse, de 90 d.C.

Apesar de os manuscritos originais não existirem mais, e de apenas existirem cópias escritas à mão até a invenção da imprensa, a condição do texto foi notavelmente preservada.

A existência de aproximadamente 4.500 manuscritos do NT em grego, datados de 125 d.C, até a invenção da imprensa, fornece uma riqueza de atestação ao NT.

Além desta evidência, existem versões tais como aquela que foi escrita em latim antigo e em siríaco, que datam

de 150 d.C., e a tradução da Vulgata Latina feita por Jerônimo (382-405).

II. DIVISÕES DO ANTIGO TESTAMENTO

O termo Antigo Testamento, na verdade, refere-se à antiga aliança, e a palavra latina "testamento" foi adotada para traduzir o termo hebraico berith e o termo grego diatheke (Mt 26.28).

1. O Antigo Testamento contém 39 livros, os quais se podem subdividir em 4 grupos:

Livros da lei
Os cinco livros de Moisés, isto é, Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Livros históricos
De Josué até o livro de Ester, isto é, 12 livros.

Livros poéticos
São cinco — Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão.

Livros proféticos
São 17 — Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel (chamados profetas maiores) e os restantes 12 livros, de Oséias até Malaquias (chamados profetas menores).

2. Os judeus e a divisão do Antigo Testamento
Os judeus dividiram o AT em três seções:

(1) A Lei, os cinco livros do Pentateuco escritos por Moisés;

(2) Os Profetas, que foi subdividido em Profetas Anteriores: Josué, Juízes, Samuel e Reis; e Profetas Posteriores: Isaías, Jeremias, Ezequiel e o livro dos Doze Profetas;

(3) Os Escritos, que continha o restante do AT: Salmos, Provérbios e Jó, além dos cinco Rolos: Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester; e finalmente Daniel, Esdras- Neemias e Crónicas.

Os judeus usavam a ordem acima em seu texto, mas a LXX revisou isto para formar uma ordem mais cronológica e mais lógica. A ordem da LXX foi mantida pela igreja cristã.

III. DIVISÕES DO NOVO TESTAMENTO

1. O Novo Testamento contém 27 livros, os quais podem subdividir-se em 4 grupos:

- ✓ **Livros biográficos de Jesus -** Os quatro evangelhos.
- ✓ **Livro histórico -** Atos dos Apóstolos**,** que contém a história inicial da igreja primitiva.
- ✓ **Livros de ensino apostólico:** As 21 epístolas, de Romanos até Judas.
- ✓ **Livro profético:** O Apocalipse.

2. Divisões de capítulos e versículos

Os livros da Bíblia originalmente não tinham capítulos nem versículos.

Os judeus do período pré-talmúdico dividiram o AT em seções de extensão conveniente para a leitura nas sinagogas.

As marcas de divisão dos versículos do AT apareceram um pouco mais tarde, mas nosso sistema moderno foi planejado pelo rabino Nathan no século XV e passou a ter um uso cristão através da Bíblia Latina de Paginius de 1528.

Provavelmente tenha sido Stephen Langton (d. 1228), arcebispo de Canterbury e um daqueles que apoiaram a Carta Magna, quem elaborou a atual divisão de capítulos.

As divisões dos versículos do NT apareceram primeiramente em um NT grego publicado em 1551 por Robert Stephens, um impressor de Paris.

Em 1555, ele publicou uma edição da Vulgata Latina, que foi a primeira Bíblia a ter os atuais capítulos e versículos. A primeira Bíblia em inglês com tais divisões foi à edição de Genebra de 1560.

IV. OBJETIVOS DA BÍBLIA

A bíblia como palavra do Senhor tem muitos objetivos são eles:
1) Avisar aos crentes (1 Co 10.11);
2) Manifestar o cuidado de Deus (1 Co 9.9, 10);
3) Ensinar e instruir (Rm 15.4; 2Tm 3.16);
4) Aperfeiçoar o cristão para toda boa obra (2 Tm 3.16-17);
5) Fazer o homem sábio para a salvação (2 Tm 3.15);

6) Produzir fé na divindade de Cristo (Jo 20.31);
7) Produzir vida eterna (Jo 5.24).
Inúmeras pessoas sabem quem é Jesus; creem que Ele fez milagres; creem em sua ressurreição e ascensão, mas... Não creem na Bíblia!
Essas pessoas precisam conhecer a atitude e a posição de Jesus quanto à Bíblia.
1. Ele leu-a (Lc 4.16-20);
2. Ensinou-a (Lc 24.27);
3. Chamou-a "A Palavra de Deus" (Mc 7.13); e
4. Cumpriu-a (Lc 24.44).
A última referência citada (Lc 24.44) é muito maravilhosa, porque aí Jesus põe sua aprovação em todas as Escrituras do Antigo Testamento, pois Lei, Salmos e Profetas eram as três divisões da Bíblia nos dias do Novo Testamento.

Escrita por cerca de 40 homens, separados uns dos outros por tempo, posição geográfica, educação, cultura, língua, posição social, profissão etc., é, contudo, harmoniosa! A Bíblia não é a palavra do homem, dos santos ou dos anjos, mas a Palavra de Deus É por isso que a humanidade acha nela o auxílio precioso em quaisquer circunstâncias da vida.

Fatores que comprometem a pregação cristã

A seguir veremos quatro fatores que estão comprometendo a pregação cristã. Confira-os:

1. Falta de conversão genuína dos próprios pregadores.
2. Excesso de "espiritualidade" (e falta de preparo).
3. Desprezo à capacitação bíblica e teológica.
4. Pluralismo e pragmatismo religioso: diluir a Palavra de Deus para não perder fiéis.

1. FALTA DE CONVERSÃO GENUÍNA DOS PRÓPRIOS PREGADORES

O descompasso entre a prédica e a vida do pregador é um dos principais responsáveis pelo fracasso da pregação evangélica em nossos dias. A sociedade está saturada de gente que prega, mas não vive, fala, mas não faz. E tolice pensar que todos aqueles que pregam a Palavra do Eterno também praticam-na.

Grassa nas igrejas evangélicas os oradores profissionais, animadores de auditórios, pregando sermões com as piores motivações possíveis: ganância, inveja, sede de poder, busca de popularidade, etc. E, uma motivação pecaminosa seguida de um comportamento similar, só poderia ser trágico.

Al Martin alertou que todos os fracassos na pregação de nossos dias envolvem, basicamente, as falhas do homem

que prega e da mensagem que ele anuncia. E a menos que queiramos degradar a pregação ao nível de mera arte da elocução, nunca podemos olvidar-nos de que o solo onde medra a pregação poderosa é a própria vida do pregador. Essa é a grande questão que faz a arte da pregação ser diferente de todas as demais artes de comunicação.

César Cézar reitera que não existe nada que pregue mais alto do que uma vida vivida segundo a vontade do Senhor, cheia de testemunho, repleta de experiências que enriqueçam até o mais indouto ouvinte.

Hans Ulrich Reifler, autoridade neste tema, arremata: O pior que pode acontecer ao pregador do evangelho é proclamar as verdades libertadoras de Cristo e, ao mesmo tempo, levar uma vida arraigada no pecado e em total desobediência aos princípios da Palavra de Deus. Por isso, Paulo escreveu: "(...) esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado" (1 Co 9.27).

O Dr. Russel Shedd, pregador raro, ao destacar a autoridade da Palavra, diz: "Mostre-me um crente que vive santa e piedosamente e eu lhe mostrarei uma pessoa que leva a Bíblia a sério. Karl Rahner disse que os cristãos são a razão de existirem ateus no mundo. "Aqueles que proclamam Deus com a boca e o negam com o estilo de vida é o que mundo incrédulo, acha incrível".

2. EXCESSO DE "ESPIRITUALIDADE" - DESCULPA PARA NÃO ESTUDAR A PALAVRA DE DEUS COM ZELO E CONSTÂNCIA!

Este fator é oposto ao anterior. Se há, de um lado, pregador das Boas Novas fracassando na exposição da mensagem por falta de genuína conversão de vida, também há, de outro, um grupo igualmente significativo tornando-a infrutífera por se achar "espiritual", "santo", "puro" demais a ponto de não precisar estudar a própria Bíblia.

Há, sim, curiosa e lamentavelmente, "pregador" que presume erroneamente que sua "santidade" basta para transformá-lo num "gigante do púlpito". Imagina que quando tiver a oportunidade de pregar uma mensagem precisa somente abrir a boca e as palavras divinas, inspiradas pelo Espírito Santo, sairão naturalmente. Pensa que, mesmo jamais fazendo sua parte, o Espírito Santo lhe dará uma unção especial e o sermão será um sucesso retumbante. Ledo engano! Esta mentalidade displicente precisa ser corrigida urgentemente!

Não há dúvida de que a "santidade" é uma exigência de Jesus Cristo a qualquer pessoa que, tocada pelo Espírito Santo, confessa-o como Senhor e Salvador e decide servi-lo. Em Lucas 14.25-33 há algumas condições imprescindíveis para o discipulado:

1. Um amor sem rival (afeições do coração).
2. Levar a cruz (a conduta no viver).
3. Uma entrega sem reservas (bens pessoais).

Novidade de vida é, sobretudo, característica de quem de fato renasceu. O êxito na prédica bíblica, no entanto, depende também de outros fatores: um deles é o estudo minucioso das Escrituras.
John Calvino, o egrégio reformador, declarou com veemência: "Ninguém chegará a ser bom ministro da Palavra de Deus a não ser que seja, em primeiro lugar, um estudioso da mesma". Charles H. Spurgeon, um dos maiores pregadores de todas as épocas, acrescentou: "Aquele que cessou de aprender cessou de ensinar. Aquele que já não semeia na sala de estudos, não mais semeará no púlpito".

Pregador algum terá a aprovação de Deus se não for santo; e, pregador algum, terá a legitimação do público se preparar! Junte, então, as duas coisas! Faça, pregador, uma junção de zelo e inteligência, santidade e capacidade, poder e saber, pregação e prática...

3. FALTA DE CAPACITAÇÃO BÍBLICA E TEOLÓGICA

Durante muitas décadas parte considerável das igrejas evangélicas brasileiras desprezou a capacitação bíblica e teológica. Julgava tais práticas irrelevantes e, em alguns casos, perniciosas à manifestação do Espírito Santo.

Presumindo que a "letra" poderia sufocar a espiritualidade do rebanho (e por ainda não ter conseguido se libertar de algumas ideias oriundas do catolicismo romano, principalmente aquela que alegava ser exclusividade da liderança religiosa a capacidade de estudar, assimilar e ensinar a Palavra de Deus),

repudiou-se categoricamente o estudo bíblico e teológico e disciplinas afins.

Tal postura não atenuou a expansão quantitativa da Igreja no Brasil; revelou, no entanto, sua profunda deficiência bíblica, teológica e prática. A Bíblia, conforme foi dito na disciplina de Hermenêutica, ainda é um livro desconhecido para muitos evangélicos. Falta leitura sistemática, interpretação correta e prática condizente. O numericismo, em suma, não favoreceu o conhecimento bíblico-teológico. Pastores, teólogos, sociólogos, entre outros, concordam que o vertiginoso crescimento numérico da Igreja Evangélica Brasileira revelou sua capacidade de arregimentar novos súditos, bem como sua visível fragilidade bíblica, teológica, doutrinária e prática.

O Dr. Wander de Lara Proença, pesquisador deste tema, cita alguns dos principais fatores que ocasionam tal situação:

1. Facilidade para se exercer o pastorado no Brasil (pessoas ainda neófitas ou sem o mínimo de preparo bíblico e teológico auto intitulam-se pastores/as, alugam um salão e logo passam a ter um grupo de seguidores).

2. Interesse em fazer a igreja crescer a qualquer preço (líderes, seduzidos pela tentação dos números, tornam superficial o ensino da Palavra).

Imagina, então, o que acontece quando há facilidade para se exercer o pastorado (além de fácil acesso, é promitente), o clima é marcado pela competição e a concorrência, os pressupostos capitalistas (números são

indicadores de sucesso) moldam a visão e ação dos pregadores? O resultado está diante dos olhos de quem quer ver.

4. PLURALISMO E PRAGMATISMO RELIGIOSO: DILUIR A MENSAGEM DE DEUS PARA NÃO PERDER FIÉIS!

Outro problema gravíssimo que a pregação autêntica da Palavra de Deus enfrenta em nossos dias é movimento filosófico-teológico; mencionarei, apesar da existência de outros, o pluralismo.

Seus pressupostos adentraram sorrateiramente os portais cristãos e, alteraram, inclusive, o conteúdo da prédica. A mensagem, que deveria preservar os ensinos de Jesus e dos apóstolos, não passa de um discurso que apenas promete sucesso econômico, saúde física e bem-estar à pessoa que assume o papel de herdeira de Deus. Este é um dos fatores que estão no subsolo da conversão em massa nas igrejas evangélicas brasileiras atualmente.

Para piorar a situação parte da liderança cristã, que infelizmente já ingressou no ministério tendo uma motivação pecaminosa (ganhar dinheiro, ter visibilidade, projeção social, etc), vendo que o homem pós-moderno tem a disposição várias opções e pode fazer suas escolhas preferenciais, entrou pra valer na competição.

Não aceita perder fiéis para os seus concorrentes seja ele tradicional, pentecostal ou neopentecostal. Parece que vale tudo: desconstruir a imagem do concorrente através de programas radiofônicos e televisivos, jornais, revistas, livros... e, simultaneamente, usar os recursos midiáticos,

para exaltar a eficiência e eficácia da sua própria marca no afã de manter os seus, atrair novos, e arrancar alguns adeptos que estão vinculados à concorrência. Ademais, como diz Rubem Amorese, perder é um péssimo negócio, afinal o desligamento de uma pessoa da igreja traz vários prejuízos: perde-se em animação e movimento; perde-se prestígio diante de outros ministros da cidade; perde-se sua capacidade de influir na política local; perde-se, na geração de receita.

As principais minudências do pluralismo, mesmo o religioso, são as vastas alternativas oferecidas ao homem. O problema é quando o pregador dilui a mensagem de Deus para "fidelizar" a clientela. Logo igreja vira empresa, púlpito vira balcão, crente vira cliente, sacerdócio vira negócio, vocação vira profissão, pastor vira mero gestor... A busca por números a qualquer preço tem levado à ruína milhares de oradores. E não é somente no Brasil.

Dicas para Uma Pregação Eficaz

1 - Devemos preparar verdadeiros banquetes para servir aos nossos irmãos quando for da nossa responsabilidade ministrar-lhes a Palavra de Deus.

Que o alimento que estamos servindo seja digno de um banquete real: "Levou-me à sala do banquete, e o seu estandarte em mim era o amor" (Ct 2.4). Nunca devemos deixar de colocar sobre a mesa da Palavra o nosso melhor alimento, preparado com ingredientes da despensa do Céu. E que esse alimento seja sempre novo, e nunca comida requentada.

Que os ouvintes, quando ouvirem que é você que vai pregar, saibam, por experiências anteriores, que serão nutridos com uma generosa porção do Pão da vida: "Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo. Disseram-lhe, pois: Senhor, dá-nos sempre desse pão. E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede" (Jo 6.33-35).

2 - Ao sermos honrados com a grandiosa oportunidade de pregar a Palavra de Deus, ao nos posicionarmos diante da congregação, jamais devemos esquecer que estamos ali para pregar a Palavra de Deus, e não tão somente nossas palavras. Durante toda a mensagem, a voz é sua, os argumentos são seus, mas existe a parte de Deus e a parte do homem.

A parte de Deus é tão importante que o pastor deveria anunciar o pregador usando os seguintes termos: "Com a palavra, a Palavra", e não "com a palavra o pastor ou o pregador fulano de tal". Quem vai falar é o Espírito Santo através da instrumentalidade do pregador (Jo 16.8).

Durante toda a entrega da mensagem, não devemos esquecer que não serão as nossas eloquentes palavras que tocarão os corações dos nossos ouvintes.

A pregação não é do pregador, mas vem de Deus através do pregador. É no exercício de pregar a Palavra que os ouvintes são tocados. Paulo admoestou seu discípulo Timóteo: "Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina" (2 Tm 4.2 ARA). O tesouro (a Palavra de Deus) está em um vaso de barro (o homem): "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (2 Co 4.7).

3 – Evite palavras difíceis

Muitas vezes não alcançamos o coração e o entendimento dos nossos ouvintes porque falamos palavras difíceis. As palavras sobrevoam suas cabeças, passam à altura de seus ouvidos, mas não descem aos seus corações.

Parece que queremos muito mais impressioná-los com nossa cultura do que entregar-lhes uma mensagem da Palavra de Deus que eles entendam, que eles digiram, da qual eles possam tirar total proveito. Não nos empenhamos com todo o nosso esforço para que eles voltem às suas casas sentindo-se alimentados, prontos

para colocar em prática o que ouviram, e glorificando a Cristo e não ao pregador: "Todavia eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida" (1Co 14.19). Deixemos de pregar no difícil idioma do "teologuês".

4 - Não devemos esquecer que temos a obrigação, perante a Noiva do Senhor, de tornar compreensível nossa mensagem. Portanto, devemos comunicar-nos de maneira apropriada, alcançando o nível cultural dos ouvintes que nos ouvem, falando de modo simples, claro, direto, com o coração transbordando do amor e da graça de Deus.

5 - Nós, pregadores do evangelho, jamais devemos esquecer que os 40 ou 50 minutos de tempo que empregamos ministrando a Palavra de Deus são naquele dia, para muitos crentes, o único momento em que eles tomam contato com a Palavra viva e eficaz, que pode mudar suas vidas e os alimentar até a próxima ministração. Portanto, devemos nos debruçar e trabalhar sobre a melhor porção da Palavra que o Espírito Santo nos inspirar, e preparar a nossa melhor mensagem que conseguimos até ali. Deste modo, estaremos sempre subindo, degrau por degrau, a escadaria da excelência: "Antes, crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno" (2 Pé 3.18).

Sábios Conselhos para os Jovens Pregadores

OS QUINZE MANDAMENTOS DE UM PREGADOR

1. Leia a Bíblia todos os dias.
2. Seja dedicado, evitando o hábito de desperdiçar o tempo.
3. Nunca se orgulhe de seu sucesso, que só acontece como um favor de Deus.
4. Estude um pouco a Bíblia todos os dias.
5. Cultive o hábito de fazer anotações.
6. Estude e procure imitar a vida de Jesus como pregador.
7. Não durma demais.
8. Ouça as críticas sinceras, especialmente de seus familiares.
9. Estude a vida dos pregadores do NT.
10. Tente fazer um esboço pelo menos a cada três dias, independentemente de sua agenda de compromissos.
11. Aprenda com os erros de outros pregadores.
12. Leia a biografia dos grandes pregadores do passado.
13. Deixe sua fé livre para crescer.
14. Ame os seus ouvintes.
15. Nunca se considere especial ou superior.

A EXCELÊNCIA DO MINISTÉRIO DA PREGAÇÃO CONSISTE EM NOVE FATORES

1. Em ser de origem divina.
2. Em depender de intimidade com Cristo.
3. Em ser absolutamente relacionada com a Bíblia Sagrada.
4. Em ser um trabalho que continua o de Cristo.
5. Em possuir uma autoridade concedida pelo Espírito Santo.
6. Em fazer do pregador o maior formador de opinião no mundo.
7. Em fazer do pregador um porta-voz de Deus para o mundo.
8. Em fazer do pregador um profeta para as gerações.
9. Em fazer do pregador um homem de hoje com uma palavra de ontem que produz frutos para o amanhã.

O Pregador e a Bênção Apostólica

No final do culto, o ministrante pode proferir a bênção descrita em Números 6.24-26 ao invés da conhecidíssima Bênção Apostólica, descrita em 2 Coríntios 13.13?
O que biblicamente norteia esta prática?

A benção apostólica ministrada no final do culto nas Igrejas Assembleias de Deus:

"A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com todos vós. Amém (1 Coríntios 13.13)".

Veja o comentário do pastor Ciro Sanches Zibordi sobre o tema.

Ainda que os contextos históricos dessas duas bênçãos sejam diferentes, tanto a sacerdotal como a apostólica se aplicam ao culto neotestamentário, já que ambas são trinitárias, isto é, mencionam as três Pessoas da Trindade, o que lhes confere um status atemporal. Entretanto, a Igreja estabelecida pelo Senhor Jesus, no primeiro século (Mt 16.18), não é ritualista nem sacramental. Em outras palavras, embora o cristianismo bíblico observe duas ordenanças — o batismo em água (Mt 28.19,20) e a Ceia do Senhor (1Co 11.23-34) —, as denominações têm liberdade no campo das questões eclesiásticas, como a administração do culto.

Grosso modo, cada igreja tem um perfil, que abarca os âmbitos bíblico-teológico e eclesiástico-litúrgico.

No primeiro, há doutrinas, princípios e mandamentos, os quais devem ser obedecidos, já que são imutáveis.

No segundo, hierarquia, cerimónias, práticas litúrgicas etc., todas administradas pela Bíblia, mas com certa flexibilidade.

Títulos ministeriais, por exemplo, variam nas denominações e nem sempre correspondem aos dons prescritos na Bíblia (Ef 4.11 e 1Co 12.28). A bênção impetrada no fim dos cultos se relaciona com a esfera eclesiástico-litúrgica; não é regida por mandamento, e sim por uma tradição derivada de 2 Coríntios 13.13, passagem que deve ter sido escolhida, em algum momento da História da Igreja, em razão de dar destaque à triunidade de Deus.

Não se sabe se, de fato, as igrejas do primeiro século impetravam alguma bênção no fim dos cultos. O certo é que Paulo e outros autores neotestamentários concluíam suas cartas com uma saudação de bênção alusiva à graça de Deus (cf. Rm 16.24; 1Co 16.23; Hb 13.25 e 1Pe 5.10). Ao que tudo indica, foram os reformadores que começaram a usar versículos bíblicos no fim dos cultos, e 2 Coríntios 13.13 foi o escolhido por causa da menção às três Pessoas da Trindade, o que também ocorre — mas de modo indireto — na bênção sacerdotal, visto que se repete o nome do SENHOR três vezes (Nm 6.24-26).

Como a impetração dessa bênção não se impõe por mandamento, e sim por tradição, faz-se necessário distinguir o teológico do litúrgico. Em 1 Coríntios 14.26, Paulo faz menção de três tipos de ministração: a do louvor (salmo), a da Palavra (doutrina) e a do Espírito (revelação, língua e interpretação). Se faltar uma destas ou se houver o mau uso delas, o culto estará, bíblica e teologicamente, prejudicado. Mas há também avisos, recolhimento de dízimos e ofertas, oração pelos aniversariantes, bênção apostólica etc., elementos que podem ser administrados com sabedoria, equilíbrio e flexibilidade.

Portanto, pode-se, no fim dos cultos, não só usar 2 Coríntios 13.13 e Números 6.24-26, alternadamente, como também outros textos; ou, ainda, empregar palavras adicionais.

Há igrejas em que o pastor diz: "A vitória é nossa!", e o povo responde: "Pelo sangue de Jesus!" Outras apresentam as bênçãos apostólica ou sacerdotal de forma cantada. Entretanto, vale lembrar que as Assembleias de Deus preferem a chamada bênção apostólica, pois, além de esta constar do Novo Testamento, nela a Trindade é mencionada de modo explícito.[1]

[1] Nota. Jornal Mensageiro da Paz, Novembro de 2017, Página 17.

Conclusão

Vimos, através dos estudos deste manual, ensinamentos de grande relevância para que os pregadores e pregadoras do Evangelho exerçam o ministério da pregação com ética e de maneira eficaz. Evitando com isso, críticas desnecessárias.

Bibliografia

* ALVES, Jair. Revista Pregador Cristão, N° 1. Ano 2016.

* Bíblia para Pregadores e Líderes – Geziel Gomes, Ed. Central Gospel

* Bibliologia - Escola Bíblica ECB

* Ética Cristã – Escola Bíblica ECB

* Jornal Mensageiro da Paz, fevereiro de 2004, Antônio Gilberto

* Jornal Mensageiro da Paz, Novembro de 2017

* Série CRESCER: Programa de Capacitação Bíblica-Teológica-Prática - Vol. 7

* SILVA, Severino Pedro da Homilética - O pregador e o sermão, CPAD

* SOUSA, Severino de Ramos de, Homilética eloquência do pregador.